

# A Defeza Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores: LIMA E SILVA, LEITÃO DE CARVALHO & EURICO DUTRA

N.º 98

Rio de Janeiro, 10 de Agosto de 1921

Anno IX

## PARTE EDITORIAL

### A politica e o Exercito

S acontecimentos politicos desenvolados em torno das candidaturas presidenciaes, para o futuro quadriennio, têm dado logar a que uma parte da imprensa desta Capital se refira com frequencia á «atitude assumida pelo Exercito» ante ás negociações para a escolha dos candidatos, emprestando ás forças armadas de terra uma intervenção directa no assumpto, — vetando uns e impondo outros nomes —, intervenção que, a ser verdadeira, constituiria não só uma ameaça á ordem civil da Republica, mas tambem um deploravel retrocesso na evolução militar do Brasil, ainda hoje sujeito ao regimen dos pronunciamentos militares, cujo cyclo parecia de vez encerrado nas republicas sul-americanas.

Os aplausos e incitamentos que essa supposta interferencia dos militares na politica tem merecido desses orgãos de publicidade e, acaso, da opiniao publica que os acompanha, visam, certamente, alcançar com a força armada uma completa subversão dos principios constitucionaes a que estamos submettidos, com o fim de «restabelecer a pureza democratica do regimen», erigindo-se, para isso, o Exercito em «grande eleitor» da Republica...

Ora, esse novo destino extra-constitucional que agora se quer dar ao Exercito,

— de resolver a fio de espada os graves problemas politicos que a competição pessoal faz surgir periodicamente em torno da escolha dos presidentes da Republica, — é uma triste surpresa para todo o Brasil, e uma injusta offensa ao brio dos militares, que a receberam com verdadeira estupefacção!

Pois como? Não ha senão dois lustros que a grande instituição foi victimo dos mais crueis e acerbos ataques, por se lhe attribuir o feio crime de se servir das armas que a Nação lhe confiou, ou do prestigio que da sua posse decorre, para abafar a consciencia publica e levar á curul presidencial um dos seus chefes.

Embora ainda naquelle phase de ecletismo profissional em que se debatia a sua officialidade, sem uma doutrina comum que orientasse todas as vontades, o Exercito, estranho ás machinações dos fazedores de presidentes, soube encontrar na exacta noção do seu dever as energias necessarias para vencer aquellas horas amargas, de dura provação, e, na consciencia da sua nobre missão de guarda das leis e das fronteiras, a resignação ás injustas sentenças com que o condenaram, salvando assim o seu prestigio, todo feito de modestia e de abnegação.

E quando, após dez annos de labor profissional ininterrupto e de um esforço constante por formar uma mentalidade militar orientada pela nobre missão de que é depositario, vê-se a gloriosa instituição nova e injustamente confundida com um bando de janizarios,

sempre promptos a lançar o peso de sua espada na balança dos destinos da Nação, fazendo pender o fiel para seu lado, é preciso dizer: agora, como então, o Exército sente-se forte na sua consciência, está compenetrado da nobreza do seu destino constitucional e, entregue aos seus arduos deveres, não tem ouvidos para attender a outras injunções que não sejam as do seu proprio aperfeiçoamento, até alcançar um grão de efficiencia que inspire confiança á Nação e respeito ao estrangeiro.

Se tudo se ha-de perder no choque das ambições do poder, em que se despedaçam as reputações e se maculam as consciencias, salve-se ao menos a honra do Exército, da grande escola de abnegação e de civismo onde se ensina o amôr da patria até ao sacrificio, e as futuras gerações que por elle passarem encontrarão uma palavra de gratidão para aqueles que se empenham na obra da nossa destruição.

O Exército sabe muito bem que é uma instituição que não delibera, — essencialmente obediente, dentro da lei, nos termos da Constituição, e a sua força moral e o seu prestigio nascem justamente de pairar num plano superior ás luctas dos homens pelo poder; sua officialidade, compenetrada desses princípios, que a enobrecem, pois a segurança da patria lhe foi confiada, desdenha as lisonjas criminosas e segue cumprindo o seu dever com altivez e dignidade.

Mas, se a officialidade do Exército não esquece os seus deveres, conhece também os seus direitos: cidadãos de uma Republica que não admite castas nem privilegios, os officiaes estão na inteira posse de seus direitos civis, concorrendo com sua opinião individual para a escolha dos mandatarios do povo, e do exercicio desse direito, essencial nas democracias, ninguem os pode privar.

E só no exercicio desse direito terão agido os militares a quem, na solução

do problema das candidaturas, se tribue a representação do Exercito, tranho por completo ás contendas políticas, junto ás quaes «não constitui procuradores».

## Dr. Pedro Lessa

A morte do Dr. Pedro Lessa cobre Exercito de luto. Se não fôra assim, ber-nos-ia o nome de ingratos. O malogrado civilista amava o Exercito, sua expressão mais elevada, como forma política e social. Disso dou o mais completo testemunho.

Estavamos em 1916. Sahiamos da presidencia militar. Entre o Exercito e Nação abriu-se um abysmo. A campanha civilista, mal orientada, não havia sómente condenado o official politico. Fez-se uma generalização. Todo o corpo de officiaes fôra apontado á Nação, como janizarios a serviço de chefes ambiciosos sempre promptos a escalar a governança do paiz, escudados em nossas baionetas. Esqueceram-se de que o Exercito, na presidencia militar, havia aceito, como lhe cumpria, pelos processos politicos em voga desde o advento da Republica, o chefe de governo que a Nação real ou apparentemente escolhera.

O mal estava feito. A Nação, desconfiada do Exercito, orgão de sua defesa interna e externa, repelia qualquer medida que tivesse em mira seu aperfeiçoamento e sua efficiencia.

A esse tempo, em dous annos a fio, o mundo já contemplava o pavoroso incendio da guerra europea, que se alastrava por outros continentes. Nosso Exercito, composto de voluntarios, sem reservas, sommava 15.000 homens!

Era indispensavel e urgente que a Nação cuidasse de sua defesa.

Como, porém, fazel-o? A defesa do Brasil requeria, na época da guerra de povos contra povos, que todos os brasileiros aceitassem o patriotico encargo de vir apprender, em nossos quartéis, o manejo das armas. Devíamos, pois, realizar de chofre a transformação do Exercito profissional em Exercito nacional. Mas a Nação ouvira a campanha civilista.

O quartel era o valhacouto de inuteis e madraços; era centro de incultura e

costumes mais ou menos inconfessáveis.

Deus quiz, porém, que a paixão política não contaminasse todas as almas todas as intelligencias. O Brasil tinha filhos fervorosos que o amavam. Ainda existiam Miguel Calmon, Olavo Billac e Pedro Lessa e outros.

Tive eu a ventura de assistir á primeira conferencia, na residencia de Pedro Lessa, entre este e Miguel Calmon e Olavo Bilac.

Nesse dia, cuja data não recordo bem, assentou-se a fundação da Liga de Defesa Nacional. E, em 7 de Setembro de 1916, inaugurou-se, na Bibliotheca Nacional, a grandiosa associação. Cincoenta nomes, os maiores do Brasil, compunham o seu Directorio. Pedro Lessa foi aclamado Presidente da Comissão Executiva.

\* \* \*

Quem era Pedro Lessa? O juiz incorruptível, o jurisconsulto de vasto saber, o escriptor aprimorado, o philosopho cheio de perdão para todas as fraquezas da alma humana; mas, sobretudo, um grande patriota.

Durante dous annos acompanhei sua acção na Liga de Defesa Nacional. Seu nome reuniu, no Directorio, outros nomes que conciliavam a ordem civil e a ordem militar.

Se Bilac foi o Tyrteu da santa cruzada; se Calmon foi, sem duvida alguma, o espirito forte e clarividente do organizador, Pedro Lessa, com o seu prestigio moral e intellectual, destruiu o dissídio aberto entre a liberdade civil, que se julgava ameaçada, e o Exercito, garantia dessa mesma liberdade e de todos os direitos.

E é por isso que eu afirmo hoje, aos meus camaradas, que o serviço militar é obrigatorio, a maior reforma social do periodo republicano e o alicerce insustituível da defesa nacional, é, em grande parte, uma de suas grandes obras. Não esqueçamos, pois, o seu nome.

Pelo meu lado, seu amigo, venero-lhe a memoria como cidadão, e choro a sua perda. Nunca mais ouvirei a palavra amiga do grande magistrado, do primoroso escriptor, do philosopho erudito, do patriota venerador do Brasil forte, grande, uno e indivisivel.

A morte roubou-o ao Brasil. Mas sua obra, cheia de belleza e de justiça, ahi ficará, como guia dos que quizerem servir ao Brasil, ajudando a construcção da grande nacionalidade do futuro.

*Genserico de Vasconcellos.*

## Notas sobre Historia Militar do Brazil

(Continuação).

### Expedição Duguay Trouin

Os desastres soffridos pela expedição Duclerc ao Rio de Janeiro causaram na França, como era natural, a mais viva impressão e a idéa de uma vingança desde logo tomou vulto.

Renato Duguay Trouin, um dos mais distintos officiaes da marinha francesa, apresentou-se ao rei D. Luiz XIV, prompto para vingar os desastres apontados e o rei poz ao seu dispôr, com a maxima bôa vontade, alguns navios de guerra e perto de 4.000 soldados, enquanto o superintendente geral das finanças e cinco negociantes de S. Maló adeantavam ao referido oficial 1.200.000 libras em moeda corrente.

Assim prestigiado e disposto, além disso, de um grande prestigio proprio pelas suas proezas anteriores, preparou Trouin em Brest uma expedição composta de 17 navios, cujos commandos teve o cuidado de confiar a officiaes experimientados.

Dispunha a expedição de 738 bocas de fogo, 4.000 homens de desembarque e 1.684 de tripulação, assim repartidos pelos seguintes navios:

Navios	Commandantes	Pecas	Homens
<i>Lys</i>	Duguay Trouin	74	672
<i>Brillant</i>	De Goyon	66	532
<i>Magnanime</i>	De Courserac	74	658
<i>Achille</i>	De Beauve	66	545
<i>Le Glorieux</i>	La Jaille	66	528
<i>L'Amazone</i>	Du Chesnay	36	288
<i>La Bellone</i>	Kerguelin	38	228
<i>L'Astree</i>	De Rogon	22	151
<i>L'Argonaute</i>	De Bois de la Motte	46	287
<i>Le Mars</i>	La Cité Danican	56	541
<i>La Concorde</i>	Le Pardel	20	94
<i>Le Chancelier</i>	Durocher Danican	40	15
<i>La Glorieuse</i>	De la Perche	30	37
<i>Le Fidele</i>	De la Moinerie	60	488
<i>L'Aigle</i>	De la Mar de Can	40	239

E mais as galeotas:

*La Française* e *Le Patient*, com 2 morteiros cada uma.

Tendo noticia dos aprestos de tão formidável expedição, o governo de Portugal tratou logo de iniciar as providencias compatíveis com a situação, não só enviando para o Rio de Janeiro importantes reforços sob as ordens de Gaspar da Costa Athayde (*Marquinez*), que chegou ao Rio em 30 de Agosto, como tambem conseguindo que a Inglaterra mandasse uma esquadra impedir a saída da expedição francesa de Brest.

Entretanto, informado por sua vez de tais providencias por parte de Portugal, Duguay Trouin zarpou de Brest para Rochella dois dias

antes dos ingleses bloquearem o porto de Brest, partindo da Rochella, rumo do Rio de Janeiro, a 11 de Junho de 1711.

Além das medidas apontadas, o governo português ainda mando prevenir, por um navio de guerra inglez, o governador Francisco de Castro Moraes de tudo quanto se passava no momento.

Assim prevenido, e recebendo os reforços trazidos por Gaspar da Costa (4 náos de 56 a 74 peças cada uma, 3 fragatas de 40, 5 batalhões de tropas escolhidas, e grande quantidade de munições) ficava o Rio de Janeiro em condições de uma resistência eficiente, pois que também já possuia elementos suficientes e tinha a população de toda a capitania mais ou menos a postos desde a invasão de Duclerc.

Defendiam a entrada da barra as fortalezas de Santa Cruz, Praia de Fóra, Bôa Viagem,

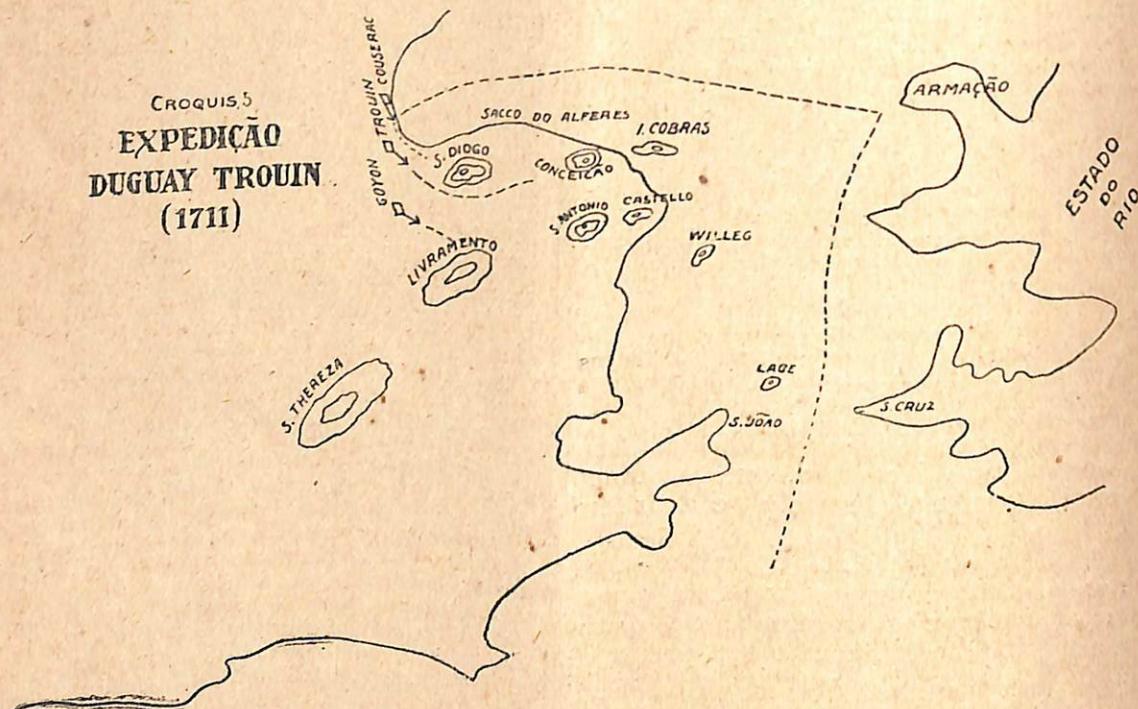
tre as fortalezas de Santa Cruz e S. Domingos se deslocava para junto das baterias da cidade á procura de abrigo, manobra tão desastrada executada que alguns navios foram calhar na praia de Santa Luzia enquanto outros encalhavam na Prainha.

Atacado de alienação mental desde o inicio da acção, Gaspar mandou, finalmente, incendiar os seus navios, ficando assim Trouin mais à liberdade, quer para bombardear a cidade, quer para responder ao fogo das fortalezas.

No dia imediato, 13, Trouin simulou desembarque em varios pontos e mandou alguns navios tomar as ilhas do Pina e das Cobras, a guarnição desta a tendo abandonado, quanto aquella era garnecida pelos franceses com uma bateria de bordo.

A 14, protegido pelas fragatas *Amazone*, *Aigle*, *Astrée* e *Concorde*, realizou Trouin o seu verdadeiro desembarque na cidade, no Sacco

CROQUIS<sup>5</sup>  
EXPEDIÇÃO  
DUGUAY TROUIN  
(1711)



(Fig. 2)

Pontal, S. Domingos, Praia Vermelha, S. João, Pontal, S. Theodosio, além das que se haviam improvisado na Gloria, Santa Luzia e Pontal do Calabouço, cruzando fogos com Willegaignon e ilha das Cobras, e mais as dos mórros do Castello, Conceição e S. Bento.

Ainda havia no porto 4 náos e 3 fragatas e em terra 10.000 homens de tropa de linha, 5.000 milicianos e 600 indios.

A 12 de Setembro de 1711, pelas 2 horas da tarde, Duguay Trouin, com sua esquadra, defrontou a barra do Rio de Janeiro, respondendo imediatamente e indo fundear proximo á Armação, depois de passar pelos 7 navios de Gaspar da Costa e perder uns 300 homens no combate sustentado.

Do fundeadouro da Armação, iniciou Trouin o bombardeio da cidade e das fortalezas, enquanto Gaspar, primitivamente bem colocado en-

Alferes, á frente de 3 columnas com um efectivo total de 3.300 homens.

Essas columnas eram respectivamente comandadas: a da vanguarda, por Goyon, a da retaguarda por Courserac e a do centro, que dispunha de artilharia, pelo proprio Trouin.

Uma vez desembarcados, avançaram os franceses para os mórros de São Diogo, Lívramento e Conceição, dominando assim a cidade desde logo com um fogo nutritivo.

Desembarcaram ainda, pouco depois, por ordem de Trouin, 500 homens que se achavam atacados de escorbuto, mas que, nem por isso, deixaram de prestar grande serviço no reforçamento das tropas francesas.

Em quanto tudo isso se passava, o governador Francisco Moraes, desorientado de todo, deixava a defesa da cidade entregue apenas á população e aos briosos estudantes guiados por

Bento do Amaral, o mesmo que já se havia batido contra Duclerc, de modo que a resistência foi esmorecendo deante da incapacidade do governo e dos chefes militares.

Intimado a render-se, Francisco Moraes respondera que «defenderia a cidade até a ultima gota de seu sangue» e nisso se resumiu toda a sua energia, pois que pouco depois fugia vergonhosamente com suas tropas para o Engenho dos Padres e dahi para Iguassú.

Proseguindo o bombardeio da cidade, principalmente na noite tempestuosa de 20/21 de Setembro, Trouin foi-se apoderando dos fortes, que se rendiam sem grande resistencia, ficando senhor da cidade a 21 de Setembro.

Comprehendendo, porém, a inconveniencia de permanecer na cidade, dada a possibilidade de chegarem reforços do interior, comandados por Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, o que traria uma mudança na situação, Duguay Trouin tratou de dar um golpe decisivo, afim de retirar-se depois com a maior somma possível de proveitos.

Nessas condições, sob a ameaça de incendiar a cidade, conseguiu a completa capitulação desta, que se obrigou a pagar-lhe, no prazo de 15 dias, 610,000 cruzados em dinheiro, 100 caixas de assucar e 200 bois.

Como refens, conservou elle 12 dos principaes officiaes portuguezes, Francisco de Castro tendo assignado essa deshonesta capitulação, pela qual, a 10 de Outubro de 1711, conseguiu resgatar a cidade.

No dia seguinte, isto é, a 11 de Outubro, chegava de Minas Antonio de Albuquerque Calvante de Carvalho, á frente de 3.000 homens de infantaria e cavallaria, com os quaes vinha disposto a medir forças com os invasores, mas nada pôde fazer, em virtude das clausulas da infeliz capitulação assignada por Francisco Moraes.

Segundo dizem os historiadores, a contribuição aos franceses foi paga com dinheiros tirados da Casa da Moeda, cofres da Fazenda, dos Orphãos, religiosos de S. Bento e varios particulares, sendo 10.000 cruzados do bolso do proprio governador.

Além de receberem toda a contribuição imposta, ainda os franceses obtiveram mais de 12 milhões de cruzados nos saques praticados.

Só a 4 de Novembro, após receberem a ultima prestação, foi que os franceses restituiram a cidade, conservando, entretanto, as ilhas das Cobras e de Willegaignon e as fortalezas da barra, por segurança, até 13, dia em que Duguay Trouin, com sua esquadra, zarpou do Rio de Janeiro.

Em caminho para a Europa, ainda Trouin tentou atacar a Bahia, no que foi obstado pelos ventos contrarios.

Contudo, apesar de alguns prejuizos na viagem, taes como a perda dos navios *Le Fidèle* e *Magnanime*, com 1.200 tripolantes e 600.000 libras em ouro e prata, Duguay Trouin conseguiu chegar á França com um dividendo de 92% sobre o custo da expedição, além de ter transportado 500 homens da expedição Duclerc.

Coelho de Carvalho foi posto á frente do governo do Rio de Janeiro depois do insucceso de Francisco Moraes, contra o qual a indignação era geral, e no governo se conservou até 7 de Julho de 1713.

Francisco Moraes, processado préviamente, foi condenado ao degrêdo perpetuo na India, os demais responsaveis pelo desastre da capitulação sendo tambem condenados a penas mais ou menos de accordo com as responsabilidades que tinham.

### Considerações

A expedição chefiada por Duguay Trouin, oficial de nome feito e bem ao par do que acontecerá ao seu antecessor Duclerc, não poderia fracassar, pois que elle trataria de apparelhar-se para a arriscada empreza que visava e a distancia a que ia agir não lhe permittia esperanças de um socorro rapido da França.

Sua conducta foi, portanto, intelligente desde o principio, quando zarpou de Brest para fugir ao bloqueio da esquadra ingleza, recusando um combate que, mesmo que fosse vitorioso, seria secundario em relação ao seu objectivo, que era o ataque ao Rio de Janeiro, onde maiores proveitos lhe sorriam.

Rompendo os obstaculos apresentados pelas fortalezas da barra e fortificações do littoral da cidade do Rio, para ir fundear na Armação, Trouin se conduziu como dextro guerreiro, pois que d'ahi pôde, com a retaguarda da esquadra livre de perigo, concentrar os seus fogos contra o adversario, preparando o desembarque primeiramente por um bombardeio nutrido e pela ocupação das ilhas do Pina e das Cobras, para depois, então, protegido por 3 navios, realizar o desembarque no Sacco do Alferes.

Dividindo a força de desembarque em tres columnas, agio acertadamente, se préviamente, como é de suppôr, organizou o plano de ataque visando a conjugação de esforços no sentido da maxima efficiencia na realização da investida contra as linhas do adversario.

Quanto ao facto de ter assumido elle proprio o commando da columna do centro, não nos parece razoavel, visto como o commando directo da columna tirou-lhe a maior parte da liberdade precisa para presidir á accão combinada das tres columnas, na função de comandante em chefe, que era a que lhe competia.

Entretanto, é bem possivel que alguma razão logica o induzisse a tal conducta, aliás justificavel na época em que os factos se passaram.

Occupando, logo apôs o desembarque, os mòrros de S. Diogo, Livramento e Conceição, os franceses se houveram com pericia, pois que dominaram a cidade pelos fogos e adquiriram a posse de tres pontos importantes para as operações ulteriores, conseguindo ainda poder ligar-se á esquadra por meio de signaes.

A mesma sagacidade revelaram tambem em duas outras medidas: o aproveitamento de uma noite tormentosa para investirem contra os fortes e entrincheiramentos e a rapidez na accão, com o objectivo de decidir a situação antes da chegada dos reforços solicitados pelos portuguezes ao governador Antonio de Albuquerque.

Finalmente, conservando a posse das ilhas das Cobras e Willegaignon e das fortalezas da barra até o momento de zarparem do porto, demonstraram os franceses um espirito de previdencia digno de louvor.

Gracias a tudo isso, puderam elles realizar com exito as operações projectadas, regressando á França em bôas condições.

Quanto ao governo portuguez, sua conducta foi sagaz, quer quando enviou reforços ao governador do Rio de Janeiro, quer quando conseguiu da Inglaterra o auxilio para o bloqueio da esquadra francesa em Brest.

Entretanto, foi infeliz no bloqueio, dada a sagacidade com que Trouin o evitou, zarpando de Brest a tempo, e censurável por ter, de um lado conservado Francisco de Castro Moraes no governo do Rio, e de outro confiado o comando da esquadra de reforço a um homem incapaz como foi Gaspar da Costa.

O governador do Rio se houve com a mesma incapacidade já revelada na luta com a expedição Duclerc, pois que, não obstante os recursos de que dispunha e os reforços recebidos, deixou novamente a defesa da cidade entregue à população, dando isso em resultado a vitória do invasor.

Gaspar da Costa, collocando-se primitivamente entre as fortalezas de Santa Cruz e S. Domingos, estava em condições magnificas para agir em harmonia com as tropas de terra, mas, levado pelo medo, abandonou tal posição para ir elle proprio esphacelar seus navios no littoral da cidade, deixando assim o mar livre ao chefe Trouin, enquanto, por sua vez, Francisco de Castro Moraes fugia covardemente para o Engenho dos Padres e dahi para Iguassú.

Finalmente, Antonio de Albuquerque, chegando com os reforços de Minas, commeteu a fraqueza de não haver assumido imediatamente o governo do Rio, prendendo o governador e encabeçando a reacção que o povo procurava fazer por suas proprias mãos, apenas estimulado pelo exemplo digno de louvôr do pequeno grupo de estudantes guiados por Bento do Amaral.

Com um pouco mais de rapidez de decisão e energia de conducta, teria Antonio de Albuquerque, pelo menos, attenuado em grande parte os prejuízos moraes e materiaes do Rio de Janeiro, tão rudemente espoliado por um invasor ousado, mas fraco de mais para medir-se com um chefe energico que soubesse aproveitar-se dos recursos existentes no Rio.

(Continua).

Capitão Nilo Val

Lembro-me perfeitamente ter ouvido S. Excia. que todos estes Hospitaes seriam divisionarios, isto é, entender-se directamente com o Chefe do Serviço de Saude e Veterinaria da Divisão, sob as ordens imediatas ficariam.

Fôra, pois, facil provar que a interpretação dada ao pensamento do distincto criador destes Hospitaes, resvalará em vicio e a persuasão que eu tinha dissera tal que uma simples consulta, acompanhada de algumas ponderações, seria bastante para resolver a questão.

Preferi, todavia, trilhar mansamente o caminho já encontrado, para que não se me supusesse portador de novidades ou inovações.

Agora, porém, que á minha persuasão veio se juntar um periodo de experiência necessario para radicar em meu espírito a convicção da necessidade de que estes Estabelecimentos sejam divisionarios, lembrei-me de fazer esta nota ligeira, que quando nada consiga, por agora, esclarecerá, ao menos, o assunto e será motivo para que, de futuro, se emende a mão.

Admita-se, entretanto, que eu tivesse ouvido e entendido mal o esclarecido ex-Ministro da Guerra; esta hipótese me induz a bordar algumas considerações, tendentes a provar que o pensamento de S. Excia. era fazer todos estes Hospitaes divisionarios, e, como tal, comunicando-se directamente com a Divisão, por intermedio do Chefe do Serviço de Saude e Veterinaria, com quem manteria suas relações officiaes.

Quando, em 1908, o Exmo. Sr. Marechal Hermes reorganizou o Exercito, creou as Brigadas mixtas, isto é, Brigadas compostas de varias armas e serviços. Estas Brigadas conservaram-se até 1915, quando, remodelado o Exercito, deixaram elas de ser mixtas para serem de uma só arma e então passaram a ser mixtas as Divisões, que até então não existiam.

Nestas condições, deixaram taes Brigadas de ter serviços e, dessa forma, sem poder comportar organizações sanitarias complexas, como sóem ser as organizações hospitalares.

E se isso pudesse acontecer, ficaria uma excepção exclusiva para o Serviço de Saude, quando elas não possuem Ser-

## Hospitaes militares

### II

Uma das cousas que entre nós estão pedindo decisão é a situação dos Hospitaes Militares de 3.<sup>a</sup> classe.

Quando, em principios de Março do anno passado, assumi a direcção do Hospital de Alegrete, causou-me certa extranheza saber que o Hospital era subordinado á 2.<sup>a</sup> Brigada de Cavallaria e que todas as suas relações eram com a Brigada.

A meu parecer, ha equivoco na interpretação do pensamento do illustre Sr. General Cardoso de Aguiar, que foi quem reviveu estes Hospitaes.

vo de Engenharia, nem de Administração, nem de Material Belico, etc., etc. Não façamos, pois, a injustiça de supôr que o Sr. General Aguiar, competente como os que mais o são, fosse capaz de embriagar os Hospitaes de 3.<sup>a</sup> classe, que por todos os principios só poderiam ser divisionarios.

E a prova de que a intenção de S. Excia. não era embriagar-los, é que, se estes fossem os intuitos de S. Excia., outra seria a distribuição dada a taes Estabelecimentos. Se não vejamos:

No Rio Grande do Sul, por exemplo, existem cinco Hospitaes de 3.<sup>a</sup> classe: um em Bagé, um em São Gabriel, um em Alegrete, um em Santa Maria e um em Cruz Alta.

Se estes Hospitaes fossem embriagados, resultaria: a 3.<sup>a</sup> Brigada de Cavallaria, em Bagé, com o seu Hospital de 3.<sup>a</sup> classe, tambem com séde em Bagé; a 3.<sup>a</sup> Brigada de Artilharia, em São Gabriel, com o seu Hospital de 3.<sup>a</sup> classe, tambem com séde em São Gabriel; a 2.<sup>a</sup> Brigada de Cavallaria, em Uruguayan, com o seu Hospital de 3.<sup>a</sup> classe em Alegrete; a 5.<sup>a</sup> Brigada de Infantaria, em Santa Maria, com o seu Hospital de 3.<sup>a</sup> classe, tambem com séde em Santa Maria.

Agora: em Cruz Alta tambem ha um Hospital de 3.<sup>a</sup> classe que atende a um corpo, o 6.<sup>o</sup> Regimento de Artilharia Montada, da 3.<sup>a</sup> Brigada da mesma arma, com séde em São Gabriel, e a um corpo, o 8.<sup>o</sup> de Infantaria, da 5.<sup>a</sup> Brigada da mesma arma, com séde em Santa Maria.

A' qual das Brigadas deve ficar subordinado? á 3.<sup>a</sup> ou á 5.<sup>a</sup>? Se á 3.<sup>a</sup>, ficará esta com dois Hospitaes de 3.<sup>a</sup> classe: um em São Gabriel e outro em Cruz Alta; se á 5.<sup>a</sup> ficará esta com dois Hospitaes: um em Santa Maria e outro em Cruz Alta. Enquanto isto, a 1.<sup>a</sup> Brigada de Cavallaria, em São Borja, fica sem um Hospital de 3.<sup>a</sup> classe e a 6.<sup>a</sup> Brigada de Infantaria, em Porto Alegre, com tropas em Pelotas e Rio Grande, tambem sem um Hospital de 3.<sup>a</sup> classe, vae se utilizando pacatamente do unico Hospital que ficou sendo considerado divisionario, que é de 1.<sup>a</sup> classe e tem sua séde em Porto Alegre.

Por todas estas razões e ainda outras que fôra longo enumerar, convenço-me de que estes Hospitaes não pôdem deixar de ser divisionarios, e opino que o se-

jam, afim de que situações, inteiramente alheias á vontade de comandantes e comandados, se interponham á boa marcha do serviço.

E se considerarmos que a classificação dos Hospitaes visa principalmente a maior ou menor amplitude de recursos que taes estabelecimentos pôdem oferecer ao tratamento de oficiaes e praças enfermos, não se pôde compreender que organizações de um mesmo serviço, servidas pelo mesmo pessoal, dentro da mesma Divisão em cujo Quartel General ha um Chefe desse Serviço, fiquem subordinadas a Chefias diversas e heterogeneas, quando o natural seria que todas estivessem em comunicação directa e constante com a mesma Chefia geral, afim de que podessem manter a mesma orientação.

Pois não parece mais curial que todas estas organizações estivessem subordinadas a um mesmo Chefe e que com elle se mantivessem em comunicação directa?

Além disso, parece ainda que, sendo os Hospitaes classificados em uma escala de recursos que vae de menos a mais, o que se afigura intuitivo é que o militar, ao enfermar, naturalmente se socorra dos primeiros recursos que encontrar no Corpo. Se estes não são suficientes para o seu restabelecimento, o medico comunica ao Comandante que, por sua vez, leva o facto ao conhecimento da Brigada; esta se põe logo em comunicação com a Divisão que dará suas ordens imediatas afim de que o enfermo seja removido para o Hospital Militar mais proximo. Este será necessariamente um Hospital de 3.<sup>a</sup> classe. Se, por ventura, os seus recursos ainda fôrem insuficientes ao tratamento do enfermo, o seu Director pede logo á Divisão a sua remoção para um Hospital de 2.<sup>a</sup> classe, e assim o doente vae progredindo até que chegue á organização hospitalar mais completa que temos — o Hospital Central do Exercito. —

E se não fosse este o caminho a seguir, a 1.<sup>a</sup> Brigada de Cavallaria, em São Borja, que não tem Hospital, ficaria inhibida de hospitalizar os seus enfermos e a 6.<sup>a</sup> Brigada de Infantaria, em Porto Alegre, tambem não poderia baixar ao Hospital dessa cidade, que lhe não pertence, as suas tropas de Pelotas e Rio Grande, porque escapa ao Comandante da Brigada dar tal autorização. Nestes

dois casos, a intervenção da Divisão é fatal; e se o é nestes, não poderá deixar de sê-lo nos outros, por logica e coherencia.

Referindo-me ás enfermidades que permitem ao enfermo essa peregrinação de Hospital a Hospital, é claro que não falo das doenças de condição bacteriana, de carácter agudo; para estas deve él encontrar sempre, no proprio logar em que se acha, os recursos para o seu tratamento; aludo ás doenças de marcha torpida, de evolução crónica, que toleram tal progressão.

Se, de meu anterior escrito, fosse aproveitada a substancia, estariamos livres de interpretações que, como estas, só fazem é transviar o curso normal das cousas, porque tropa de saude divisionaria só poderia estabelecer organizações sanitarias divisionarias, e eu não teria necessidade de vir falar aos meus sete leitores de assunto tão adiaforo.

Alegrete, 11-VII-21.

Alves Cerqueira.

## 2.ª Linha

### III

#### Antiguidades

Ha trez annos consecutivos, precisamente quando o Almanak Militar do Ministerio da Guerra deixa os prelos, a oficialidade de 2.ª linha apressa-se em procura-lo, certa d'alli encontrar seus nomes catalogados.

Ao folhear a ultima pagina, só lhes resta uma esperança... o anno seguinte.

Não será lícito classificar de vaidade, essa impaciencia manifestada a cada anno que se passa, convindo até concordarmos que é opportuno attender a tão justas aspirações, ainda que mais não seja, para definir a situação das antiguidades.

Não existem propriamente dificuldades insuperaveis a vencer, afim de dar-lhe solução acertada, bastando sómente que as autoridades a quem cumpre resolver, ao fazel-o, se achem sufficientemente esclarecidas, de modo que suas decisões a respeito sejam insophismaveis e definitivas.

Os directamente interessados no assumpto, na sua quasi totalidade, aceitam com sympathia o principio de antiguidade constada desde a data do decreto de transferencia ou promoção á 2.ª linha.

Acceita esta doutrina, em igualdade data no decreto recorrer-se-ha então, antiguidade de origem, recurso aliás justificado em consequencia dos officios de serviços de guerra (S. G.) não possarem coefficiente de exame para uma classificação ideal, que seria sem duvida barometro das competencias.

\*

Instituição nova (a 2.ª linha), si fosse constituída exclusivamente de officiaes praças da antiga Guarda Nacional, certeza da velha milicia viriam os ensinamentos tradicionaes que tanta ogernos causavam.

Recordações temos de sobra.

De uma feita, ouvi penalizado a serie de desgostos causados ao major L... fiscal do 537.º B. I. da Bahia, com a nomeação do tenente secretario para coronel commandante do batalhão, enquanto que elle era major ha vinte annos!

Reviver factos como este afim de reforçar a impraticabilidade de outro criterio na antiguidade dos officiaes de 2.ª linha, é perder tempo precioso, por quanto qualquer argumentação em contrario esbarra nos mais comesinhos principios da bôa disciplina e justiça.

Collocando a questão em seus devidos termos, o signatario ousa apresentar aos assiduos leitores da «Defesa Nacional» os seguintes quesitos :

a) Facultando a lei aos candidatos, officiaes da Guarda Nacional, a escolha da arma onde desejam servir na 2.ª linha, e achando-se já classificados na infantaria e cavallaria elementos recrutados em todas as armas da velha milicia, — inclusive do Estado-Maior, alli considerados corpo fechado:

— Como pôdem esses officiaes concorrer com suas antiguidades de origem?

b) Officiaes da reserva da Guarda Nacional, só contando antiguidade quando chamados ao serviço activo:

— Como proceder com estes já transferidos e classificados na 2.ª linha?

c) O Decreto 13.040 de 29 de Maio de 1918 collocou em disponibilidade todos os officiaes da referida milicia:

— Conta o militar em disponibilidade tempo de serviço?

d) As fontes de recrutamento de officiaes para o novo Exercito são diversas: — Guarda Nacional, 2.ª classe da reserva de 1.ª linha, diplomados das esco-

as superiores, alumnos dos collegios militares, ex-sargentos reservistas, etc.

—Como escalonar todas essas antiguidades?

\*

A meu ver, a unica solução viavel para a questão das antiguidades, e aquella que os interessados melhor aceitarão é a que fizer contar a antiguidade do official da data do decreto de sua transferencia ou promoção á 2.<sup>a</sup> linha, como acima ficou dito.

Ordene o Governo as necessarias providencias á repartição competente, para a inclusão no Almanak Militar da officialidade já transferida, e terá assim satisfeita uma louvável aspiração de uma classe cujos serviços são tão necessarios em tempo de paz, como imprescindiveis na guerra.

Mario Leite de Carvalho.  
Capitão de 2.<sup>a</sup> linha

## Trabalhos táticos na carta

### Solução do Thema II

Redigida pelo Major Lima e Silva e corrigida pelo Sr. Commandante Chavane de Dalmassy, Professor de Tática de Cavalaria na Escola de Estado-Maior.

#### 1.<sup>a</sup> PARTE

##### 1) Ordem ao Major comte. do 4.<sup>o</sup> R. C.

U. U. U. Em 11. 8. 20. ás 2<sup>o</sup>.

Deveis ter promptos para partir: um pelotão de descoberta e dois reconhecimentos de official (1 oficial, 1 sargento, 6 praças). Os trez officiaes comtes destes elementos de descoberta venham ao meu P. C. logo que receberem a presente ordem.

Coronel A.

Por estafeta.

##### 2) Ordens á descoberta

Em 11. 8. 20. ás 2<sup>o</sup>. Verbalmente, aos trez officiaes reunidos no P. C. do comite da Brigada Provisoria.

a) Nosso Exercito travou batalha a N.E. Sua ala esquerda, na região de Embirussú—Boa Vista, mantem-se em boas condições; mas forças inimigas procedentes do Norte marcham na direcção Eng.<sup>o</sup> Mendes e Cascavel.

Uma D. C. niosa, enviada para N.O. com a missão de retardar importantes tropas inimigas está sustentando a frente Cascalho—Barreiro.

Uma brigada, composta do 4.<sup>o</sup> e do 5.<sup>o</sup> R. C., vai partir para o Norte com a missão de estabelecer a continuidade da nossa frente.

b) Pelotão de descoberta.

Direcção: Cascavel—Est. Eng.<sup>o</sup> Mendes.

Missão: Reconhecer a presença e os movimentos do inimigo na zona Itupeva—Est. Eng.<sup>o</sup> Mendes—Embirussú.

c) Reconhecimento de official da direita — Ten. A.

Direcção: Cercadinho—Boa Vista.

Missão: Reconhecer a situação dos elementos da esquerda do nosso Exercito e tomar contacto com o estado maior da divisão da esquerda.

d) Reconhecimento de official da esquerda — Ten. B.

Direcção: Trez Barras—Patos—Barreiro.

Missão: Reconhecer a situação dos elementos da direita da D. C. e tomar contacto com o estado maior dessa unidade.

e) Informações para o eixo de marcha da brigada: estrada Mogy Guassú—Itaquy—Itupeva.

f) Hora de partida dos elementos de descoberta: 2 h. 30 m.

Coronel A.

##### 3) Ordem preparatoria

P. C. da Bda. Provisoria. Mogy Mirim, 11 de Agosto de 1920, ás 2<sup>o</sup>.

O 4.<sup>o</sup> e o 5.<sup>o</sup> R. C., constituindo uma brigada provisoria, seguem para o Norte na direcção de Mogy Guassú—Itaquy—Itupeva.

Ordem da marcha.

Vanguarda: Um esquadrão do 4.<sup>o</sup> R. C.  
Distancia: 1 km. (durante a noite).

Grosso: 4.<sup>o</sup> R. C. (Pelotão de Metralhadoras entre os dois esquadrões), 5.<sup>o</sup> R. C. (P. M. na cauda do esquadrão testa), T. C.

Retroguarda: um pelotão do 5.<sup>o</sup> R. C.  
Ponto inicial de marcha: ponte do Mogy Mirim.

Hora de passagem da testa do grosso: 3 h.

Alcançarei ulteriormente a vanguarda, com a qual marcharei.

Os T. E. reunem-se, sob o commando do official de aprovisionamento mais antigo, na estrada do Cemiterio Novo, junto á saída N. de *Mogy Mirim*.

*Coronel A.*

U. U. U. Por estafeta aos comtes. de regimento.

4) *Ordem de movimento da Bda. Provisoria*

P. C. da Bda. Prov. *Mogy Mirim*, 11 de Agosto de 1920, ás 3<sup>15</sup>.

*Ordem de operações n.*

I *Nosso Exercito* empenhado na frente *Embirussú—Boa Vista—Campo Triste*, que o inimigo está atacando com violência. A 1.<sup>a</sup> D. C., enviada para se oppôr a um movimento envolvente tentado por importantes forças inimigas desembarcadas na região N. O. de Campos de Chápeo de Couro, sustenta a frente *Cascalho—Barreiro*. Mas tropas inimigas procedentes do Norte, em marcha para *Est. Eng.º Mendes* e *Cascavel*, ameaçam separar a D. C. do Exercito.

II A Brigada Provisoria, constituída ás 2 h. e composta do 4.<sup>º</sup> e do 5.<sup>º</sup> R. C. menos um esquadrão de cada regimento, sob meu commando, irá imediatamente para o Norte, direcção de *Cascavel*, com a missão de estabelecer o mais cedo possível uma frente continua, procurando ligação á esquerda com a D. C. e á direita com o Exercito, afim de obstar o avanço do inimigo. De qualquer modo a brigada tem que manter, no minimo, a posse do planalto de *Est. Matto Secco* até a chegada da infantaria da 4.<sup>a</sup> D. I.

III Em consequencia:

Ordem de marcha. *Vanguarda* — 1 esquadrão do 4.<sup>º</sup> R. C. *Distancia* — 1 km. (durante a noite). *Grosso* — 4.<sup>º</sup> R. C. (Pelotão de Metralhadoras entre os dois esquadrões), 5.<sup>º</sup> R. C. (P. M. na cauda do esquadrão testa), T. C. *Retroguarda* — 1 pelotão do 5.<sup>º</sup> R. C. *Ponto inicial* — ponte do rio *Mogy Mirim*. *Hora de passagem* — ás 3 h., para a testa do grosso.

IV Segurança proxima: á direita por conta do 4.<sup>º</sup> R. C.; á esquerda a cargo do 5.<sup>º</sup> R. C.

V Descoberta. Foram enviados: um pelotão para reconhecer a presença e os movimentos do inimigo, na zona *Itupeva—Est. Eng.º Mendes—Embirussú* e dois reconhecimentos de official com a missão

de determinar a situação das tropas amigas nos extremos que serão nossos sinhos e tomar contacto com os estados maiores das respectivas grandes unidades.

VI Marcharei com a vanguarda.

VII Senha. Contra-senha.

VIII Os T. E. aguardam ordens, o commando do official de aprovisionamento do 4.<sup>º</sup> R. C., reunidos na estrada Cemiterio Novo, junto a saída de *Mogy Mirim*.

*Coronel A.*

Por escripto aos comtes. dos 4.<sup>º</sup> e 5.<sup>º</sup> R. C. e ao dos T. E.

5) *Ordem ao Major comte. do 4.<sup>º</sup> R. C. ás 5<sup>30</sup> (clarear do dia)*, quando vai dar á vanguarda sua liberdade.

Mandar apresentar já uma secção de metralhadoras ao comte. do esquadrão de vanguarda.

Por agente de transmissão, verbalmente.

\* \* \*  
2.<sup>a</sup> PARTE

1) *Ao cap. comte. da vanguarda*

Inimigo vindo do Norte, que ainda não sahio de *Cascavel*, ataca *Embirussú* e o mamelão 3 km. a S. O. deste ponto.

A vanguarda deve já, de um só lance, ganhar a altura ao S. de *A. J. Vallim* e ahi apoiar a direita na via ferrea, em ligação com os elementos da esquerda do Exercito, afim de impedir que o inimigo avance pelo valle do rio *Itupeva*. Um esquadrão á esquerda da vanguarda manterá as alturas até o corrego Norte-Sul, affluent do *Itupeva* (mostra na carta), o qual tambem terá á sua esquerda um outro esquadrão.

*Cel. A.*

Ordem verbal dada pessoalmente. Confirmação escripta em uma carteira de notas.

2) *Ao Major comte. do 4.<sup>º</sup> R. C. e ao Cel. comte. do 5.<sup>º</sup> R. C.*

Inimigo vindo do Norte, que ainda não sahio de *Cascavel*, ataca *Embirussú* e o mamelão 3 km. a S. O. deste ponto. A direita da D. C. mantem o Rio *Itupeva*, desde *Itupeva* (inclusive) para Oeste.

Cabe-vos a missão de garantir a defesa da frente que se estende da via férrea até Itupeva, ocupando as encostas existentes ao Sul do Rio Itupeva. O esquadrão da vanguarda com uma secção de metralhadoras já seguiu para o Sul de A. J. Vallim.

Levai já vossos esquadrões com a secção de metralhadoras restantes e mais uma secção do pelotão de metralhadoras do 5.º R. C. para as encostas ao Sul do Rio Itupeva, de modo que um esquadrão tome posição desde a esquerda do esquadrão da vanguarda até o correio N. S., affluent do Rio Itupeva, e o outro deste correio até Itupeva, em ligação com a D. C. — Missão: impedir que o inimigo passe o rio e oppôr-se a qualquer tentativa de ruptura para os lados da via férrea. Vou pedir apoio eventual da artilharia da D. C.

O 5.º R. C. com uma secção de metralhadoras fica em reserva, á minha disposição na baixada 3 1/2 km. a N. E. de J. Martins.

Cel. A.

Verbalmente, em pessoa, durante a marcha. Confirmação escrita em um caderno de notas.

\*

### 3.ª PARTE

#### 1) Decisão do comte. da Bda. Prov.

Servindo-se do destacamento que lhe enviaram, atacar de flanco na direcção de Embirussú.

#### 2) Ordem ao comte. do destacamento de reforço, por meio de um agente de ligação.

a) Levar imediatamente o batalhão para a encosta 1 1/2 km. a N. E. de J. Martins, onde este se disporá no intuito de um ataque ulterior na direcção N. E.

O esquadrão cobrirá o movimento e a reunião do destacamento na frente e á direita.

b) O grupo de artilharia fará reconhecer posições na região N. O. da cota 700 (N. de Tijucó Preto) afim de apoiar o ataque ulterior do batalhão na direcção N. E.

c) O comte. do destacamento logo que tiver dado suas ordens virá apresentar-se ao comte. da Bda. Prov. em seu P. C. na cota 700.

### JUSTIFICAÇÃO

Trata-se de impedir o envolvimento da ala esquerda do Exercito. Já se tentou aparar este golpe por meio de uma D. C., mas o inimigo ameaça cortal-a do Exercito. As forças do Exercito S. estão, pois, em uma situação premente. Isto explica por que, sem esperar o desembarque completo das duas D. I. de reforço, o comte. do Exercito ordenou a formação da brigada provisória de cavalaria e lhe deu a missão de estabelecer a continuidade da frente. Exigiu-lhe ainda, assegurar no mínimo a posse do planalto de Matto Secco até a chegada da infantaria da 4.ª D. I. porque tem a intenção de, caso sua linha recue, deter o inimigo na frente *Chapéu de Couro—Est. Matto Secco—Os Ribeiros—Jardim* para depois tomar a ofensiva.

Na primeira parte, qual será a preocupação primordial do comte. da Bda. Prov.? Mandam-n' o tapar uma brecha... Mas, onde? Onde estão as tropas amigas? Onde está o inimigo?

Dahi a necessidade de enviar *uma descoberta* e de fazel-a partir com a maior urgencia, para que a brigada, que por sua vez não tardará a marchar, tenha probabilidades de já estar de posse de informações quando haja passado Itaquy.

A brigada só ás 2<sup>30</sup> estará completa. Portanto, os elementos da descoberta são pedidos ao regimento mais proximo (4.º R. C.).

Para saber a situação das tropas amigas o Cel. A. mandou apenas *um reconhecimento* para cada lado, orientado de modo a cortar a linha da frente que ellas mantinham na vespera. Assim elle tinha certeza de que estes reconhecimentos encontrariam elementos pertencentes respetivamente á esquerda do Exercito e á direita da D. C. e por elles poderiam saber onde encontrar o comte. da grande unidade.

De facto, é com o comte. da D. C., de um lado, e com o comte. da divisão esquerda do Exercito, de outro lado, que é preciso entrar em ligação afim de saber delles a situação exacta e, ao mesmo tempo, expôr-lhes o que faz a Bda. Prov. Isto justifica por que os reconhecimentos foram commandados por official.

Quanto ao inimigo, porém, é indispensável reconhecer sua presença, não sómente em um ponto determinado, mas na

zona que se suppõe constituir a separação entre a D. C. e o Exercito. Um reconhecimento não basta. E' preciso recorrer a um destacamento de descoberta. E para o cumprimento da missão é sufficiente a marcha de um pelotão, que em cada um de seus lances poderá destacar trez patrulhas.

Despachados os elementos de descoberta, era preciso pôr a brigada em marcha com a maior brevidade possível, afim de, pelo menos, chegar antes do inimigo ao planalto de *Est. Matto Secco*, minimo do que era pedido.

Seriam 2<sup>o</sup> quando foi dada a ordem de descoberta. O 5.<sup>o</sup> R. C. devia chegar ás 2<sup>o</sup> á entrada E. de *Mogy Mirim*. Era preciso não perder tempo.

Dahi a ordem preparatoria contendo as indicações essenciaes para o inicio do movimento.

Livre assim desta preocupação, o comte. da Bda. Prov. passou a redigir sua ordem completa para ser entregue durante a marcha aos dois comtes. de regimento e ao comte. dos T. E. que é o oficial de aprovisionamento mais antigo dos dois regimentos.

Nesta ordem nenhuma providencia foi tomada relativamente á segurança afastada porque a pequenez da columna e a rapidez de sua marcha bastam para garantil-a.

Feito isto, elle foi ocupar seu lugar na vanguarda e assim marchou até o clarear do dia, ás 5<sup>o</sup>. Neste momento foi dada á vanguarda sua liberdade, depois de reforçada, pois que seu afastamento seria maior. Não houve mais distancia fixa.

A esta hora o grosso chega ao rio *Orissanga*, a ponta atinge *Itaquy*, a testa da vanguarda a encosta S. do planalto.

No lance seguinte a vanguarda atinge o planalto de *Matto Secco*, ao passo que o grosso está na baixada do rio das Pedras. São 6<sup>o</sup>, pouco mais ou menos. E' neste momento que o comte. da Bda. Prov. recebe as primeiras informações.

Na segunda parte, em vista das noticias recebidas, a missão continua a mesma: oppôr-se á progressão do inimigo, estabelecendo uma frente continua, o mais cedo possível. Até então o comte. da Bda. ignorava onde deveria precisamente estabelecer esta frente. As informações agora obtidas dão-lhe as indicações necessarias:

apoiar a esquerda em *Itupeva*, a direita na via ferrea, em ligação com o mamel 3 km. a S. O. de *Embirussú*.

Entre estes dois pontos ha um obstaculo que o separa do inimigo: o rio *Itupeva*. Elle tem que tomar uma posição defensiva. Portanto, o bom senso o indica instala-se nas alturas existentes atraç do obstaculo e ahi se esforça por impedir a passagem do inimigo. Logo, uma primeira idéa: *ocupar a linha de alturas que dominam a margem Sul do rio Itupeva*.

Mas é preciso agir com a maxima pressa. Si bem que o inimigo ainda não tenha sahido de *Cascavel*, é preciso considerar que a vanguarda da Bda., neste momento, ainda está a 8 km. das posições. A frente a manter tem cerca de 4 km. E' preciso ocupal-a com trez esquadrões pelo menos, cada um reforçado por uma secção de metralhadoras destinadas a bater o fundo do valle e as passagens. O resto fica em reserva, de modo que possa intervir conforme ás circunstancias.

Para que esta decisão, rapidamente tomada, fosse tambem rapidamente executada, o comte. da Bda. deu logo pessoalmente ordens ao capitão comte. da vanguarda, que marchava a seu lado.

O Major comte. do 4.<sup>o</sup> R. C. e o Cel. comte. do 5.<sup>o</sup> R. C. foram chamados a frente com urgencia e receberam ordens durante a marcha.

Em seguida o comte. da Bda. mandou participar ao comte. da D. C. sua chegada e o que estava fazendo; ao mesmo tempo pedia o apoio eventual de sua artilleria.

Identico procedimento com relação ao comte. da divisão esquerda do Exercito.

As ordens são executadas do seguinte modo: O esquadrão da vanguarda parte ao trote pelo caminho *Tijuco Preto - A. J. Vallim* e, sob a protecção de vedetas e patrulhas mandadas para o rio, apeia na baixada 2 km. ao S. de *A. J. Vallim*. Os cavallos ficam ahi. Os grupos de combate e a S. M. guarnecem a posição. A ligação com os elementos do Exercito faz-se na ponte da estrada de ferro, onde se installa um fusil-metralhador.

O Major comte. do 4.<sup>o</sup> R. C., logo que recebe a ordem, dá a cada esquadrão sua missão e indica a frente que deve ocupar. Cada um destes dirige-se rapidamente á sua posição, guardece-a, igual-

mente apeando sob a protecção de vedetas.

O comte. do 4.<sup>o</sup> R. C. instala seu P. C. na bifurcação da estrada de *Itupeva* com a de *Chico Embuava—Cascavel*.

De *J. Martins* o Cel.. comte. do 5.<sup>o</sup> R. C. vai para o ponto que lhe foi indicado enquanto o comte. da Bda. Prov., que tinha acompanhado o Major comte. do 4.<sup>o</sup> R. C. até o P. C. deste afim de ver as disposições tomadas, volta ao seu P. C. da cota 700.

Na terceira parte o inimigo tinha rechaçado a direita da Bda. Prov. Certamente o comte. desta havia tentado sustentá com sua reserva, mas sem exito. Sua frente, conservando a ligação com a D. C. está agora francamente orientada N.O.—S.E. e mantem o movimento de terreno N.E. de *J. Martins*.

O inimigo rompeu a ligação da Bda. Prov. com a direita. Exactamente nesta occasião o Cel. A. recebe notícias de um reforço. Sua missão subsiste, pois é preciso restabelecer a ligação á direita para assegurar a continuidade da frente. Em tal situação o comte. da Bda. Provisoria não poderá realizar seu *desideratum* se não atacando o inimigo de flanco.

Mas o ataque só poderá realizar-se ás 13 h. e em taes condições a ordem que no momento deve ser dada ao comte. do destacamento de reforço não pôde ainda ser uma ordem de ataque. Ela apenas tem por fim collocar os diversos elementos nos seus logares.

Em quanto se executam os diversos movimentos necessarios, o comte do destacamento de reforço vai á presença do Cel. comte. da Bda. Provisoria e então recebe as ordens e indicações para o ataque.

### THEMA III

Proposto pelo Sr. Tenente Coronel Barrand para ser executado na aula, em tempo limitado, no dia 3 de Setembro de 1920, na Escola de Estado Maior

Carta do Estado de S. Paulo, folha de Pirassununga, na escala de 1:100.000

#### Situação geral

Um Exercito N., destinado a operar contra um inimigo do Sul, está em via de reunião ao Norte do rio *Mogy-Guassú*, na região *Est. Sucury—Rocinha*.

Um Exercito S., constituindo a esquerda do dispositivo geral das forças inimigas, marcha para o Norte e já passou a maior parte de suas forças para a margem

Norte do *Mogy-Guassú*. Na tarde de 22 de Agosto suas vanguardas tinham elementos na linha geral assignalada pela via-ferreira *Pirassununga—Lage Sta. Veridiana*, principalmente em *Sta. Cruz das Palmeiras, Lage Sta. Veridiana, Cel. Correa*.

Por outro lado, um forte destacamento de todas as armas achava-se na mesma tarde em *Pirassununga*, com pequenos elementos em *Est. Emas e Porto Ferreira*.

O Exercito N., em via de reunião na região *Est. Sucury—Rocinha*, tem por missão interceptar ao inimigo o eixo de invasão balisado pela *E. F. Mogyana*, apoiando-se de um lado na *Serra do Corrego Fundo*, de outro na *Serra de São Pedro*.

Na noite de 22 o Commandante do Exercito N. dá suas ordens para as operações do dia seguinte, visando a marcha e a instalação do *grosso de cada elemento* na posição principal de resistencia, balizada pela linha de cristas *Serra do Corrego Fundo—planalto 800—Sta. Cruz da Negra—M. Boa Vista—Bico de Pato*, com postos avançados nas alturas ao Norte do Rio *Tambahú*.

#### Situação particular

##### 1.<sup>a</sup> PARTE (\*)

Uma divisão do Exercito N., depois de uma curta marcha á noite, chega, pela manhã de 23, á região *Est. Sucury—Membéca*, tendo vindo de Nordéste.

O General Commandante do Exercito decide empregar imediatamente uma parte dessa divisão para cobrir-se contra possíveis operações das forças inimigas assignaladas na margem Sul do *Mogy-Guassú*, na região de *Pirassununga*.

Para esse fim, uma brigada mixta, tirada da divisão e comprehendendo 2 regimentos de infantaria, 3 grupos de 75 e 3 esq. de cavallaria, sob as ordens do General de Brigada A, recebe ordens de marchar por *Membéca* e *J. Rodrigues* para *S. Rita do P. Quatro*, com a missão de impedir ao inimigo toda intervenção no flanco direito do Exercito por *S. Rita* ou *S. Cruz do R. Claro*.

(\*) Na Escola do Estado Maior cada parte do tema só é dada aos alunos depois de feita e entregue a solução da antecedente. Semelhantemente, aqui, quem tiver interesse em exercitar-se resolverá primeiro cada parte para depois tomar conhecimento da seguinte.

O resto da divisão transportar-se-á para Est. S. Dumont, onde ficará em reserva de exercito.

A's 11 horas a situação é a seguinte, no que concerne ao Exercito N.: o grosso de cada um dos elementos na posição principal; a divisão da direita na S. do Corrego Fundo — planalto 800 (P. C. em Corrego Fundo); na frente dos postos avançados foi estabelecido o contacto; P. C. do Exercito em Rocinha.

A Brigada Mixta, que continuou a marcha sem parar, chega com seu grosso a J. Rodrigues. O Commandante da Brigada resolve mandar fazer um alto de 3 horas para os homens repousarem.

#### *Trabalho a executar*

1.º — Em uma folha de papel transparente (*calque*) assignalar a situação detalhada da Brigada Mixta nesse momento. Suppõe-se que o alto foi ordenado no momento em que a testa do grosso chega a J. Rodrigues. A vanguarda comprehende 2 bat. de inf. (do 1.º Reg.) e 1 pel. de cav. sob a ordens do Cel. X., comte do 1.º R. I.

2.º — Ordens dadas pelo General A. para o alto e consequentes ordens dadas pelo comte da vanguarda.

*Observação.* — Nesta 1.ª parte não se fará questão do grosso da cavalaria que foi impellida para a frente da vanguarda.

#### 2.ª PARTE

A's 12 h. 30 m. o General A. recebe a seguinte informação enviada pelo Coronel Commandante dos 3 esquadrões de cavalaria.

N.º 1                    *Moenda, 11 h. 45 m.*

Uma columna inimiga avaliada, pelo menos, em 6 batalhões com 6 baterias e fracos elementos de cavalaria atravessou o Mogy-Guassú em Porto Ferreira. Sua vanguarda transpoz a crista entre S. Vicente e o Rio Claro. Vou defender a passagem do Rio Claro.

*Coronel B.*

Nova informação ás 13 h. 15 m.:

N.º 2                    *Fazenda Moenda, 12 h. 30 m.*

O inimigo empenhou em acção cerca de um batalhão na ponte do Rio Claro ao Sul de Moenda, apoiado por uma bateria no mínimo; um segundo batalhão marcha para Evaristo.

*Coronel B.*

#### *Trabalho a executar*

Ordens dadas pelo General A. e consequentes ordens dadas pelo Coronel da vanguarda.

### **Administração interna dos corpos de tropa e estabelecimentos militares na França**

Conferencias do Comte S. na Escola Superior de Intendência. Resumo e tradução pelo Cap. Machiel da Costa.

#### *Organização administrativa dos corpos de tropa*

A organização administrativa dos corpos de tropa no Brasil apresenta grande analogia com a organização francesa, e por esse motivo, resumindo a primeira conferencia do commandante Saly, apenas consignaremos aqui as diferenças mais características.

Cada corpo de tropa administra-se *directa* e *separadamente*. Nos corpos organizados com a denominação de *Regimento*, *Batalhão*, *Esquadrão*, a administração é confiada a um *Conselho de Administração*; naqueles organizados com a denominação de *Companhia* ou *Secção*, é o respectivo commandante quem exerce essa administração.

Em um corpo fraccionado, chama-se *parte central* aquella em que funciona o Conselho de Administração e *parte principal* a que fica com o commandante do corpo, na hypothese delle não residir onde se acha a parte central; as outras fracções do corpo são simples *destacamentos*.

O destacamento estacionado na guarnição onde se acham os aprovisionamentos do corpo tem a denominação de *deposito*; sobreindo a mobilização, o deposito converte-se em parte central e desde o primeiro dia ahi se constitue uma *Repartição de Contabilidade*, encarregada de organizar e liquidar as contas das unidades que vão entrar em campanha.

Nos *regimentos*, a composição do Conselho é a seguinte: o commandante do corpo, presidente; o official superior mais antigo entre os mais graduados, que se achar presente na guarnição; o fiscal, relator; o thesoureiro, secretario; o official encarregado do fardamento; um commandante de unidade administrativa, designado por ordem de antiguidade a 1.º de Janeiro de cada anno. Nos corpos organizados sob a denominação de *Batalhão* ou *Esquadrão*, a composição é a mesma, com exclusão do official superior mencionado.

Por motivos de serviço (manobras, exercícios de tiro, etc.), o numero de membros pode reduzir-se a tres. O official mais graduado e mais antigo substitue, então, o commandante do corpo na presidencia. Si o numero de officiares presentes tornar-se inferior a tres, cabe ao commandante tomar as medidas que forem necessarias a bem do serviço, enquanto aguarda que se reconstitua o Conselho.

Os funcionários da Intendencia podem assistir ás sessões do Conselho e até pedir a reunião delle, atribuição de que participam juntamente com os Generaes e Inspectores do Exercito (\*).

O oficial encarregado do fardamento cabe guardar, conservar e distribuir ou expedir o material existente na arrecadação geral do corpo. Compete-lhe toda a escripturação e contabilidade do material pelo qual o Conselho é responsável. E' pecuniariamente responsável pela existencia e bom estado do material sob sua gestão, bem como pelas saídas ou distribuições irregulares, omissões de lançamentos, erros de contas, repetições, emendas, razuras, etc.

A administração da parte do corpo que se acha em campanha é dirigida pelo commandante do corpo, assistido pelo Capitão que faz as vezes de fiscal, o qual exerce as funções de fiscal sem conselho; pelo Tenente quartel-mestre que exerce as funções do thesoureiro e do official encarregado do fardamento; pelo official de aprovisionamento, incumbido do suprimento de generos e forragens.

Não têm conselho os corpos de tropa organizados com a denominação de Companhia ou Secção. Os respectivos commandantes se encarregam da administração em todas as particularidades. As attribuições e responsabilidades administrativas que lhes cabem participam ao mesmo tempo das attribuições e responsabilidades geraes dos conselhos e das pessoas do presidente e demais agentes e dos commandantes de unidades administrativas, cumprindo-lhes submeter ao exame e aprovação dos Sub-Intendentes militares os projectos de contractos.

#### *Organização administrativa do pessoal sem tropa*

Sob a denominação de pessoal sem tropa (ou administrado como tal) são incluidos: os officiaes do Estado Maior General e do Serviço do Estado Maior, os funcionários do Corpo de Inspectores do Exercito, os officiaes e empregados militares dos serviços de Artilharia e Engenharia, de Intendencia, de Saude, de Recrutamento, de Justiça Militar, de Remonta, os intérpretes e veterinarios. Todavia, alguns officiaes desses serviços fazem parte ás vezes dos corpos de tropa, como os medicos e veterinarios, os intérpretes, etc., e são administrados como os officiaes desses corpos.

O pessoal sem tropa grupa-se, para os efeitos de contabilidade, em tantas cathegorias quantas são as rubricas orçamentarias correspondentes aos seus vencimentos. Esta classificação, variável em cada exercicio, é anualmente determinada pela «Nomenclatura do orçamento». Sub-Intendentes militares designados incumbem-se da sua administração no que concerne ás prestações em especie e em dinheiro, fazendo a respectiva escripturação annual dos officiaes e suas montadas, em registros nominaes.

(\*) Os Inspectores constituem um corpo especial que só depende do Ministro e cuja acção abrange tanto os Corpos de Exercito como a Administração Central e os estabelecimentos e serviços especiaes directamente sob a autoridade do Ministro. Cabe-lhes salvaguardar os interesses da Fazenda Nacional e os direitos das pessoas, verificar em todos os serviços a observância das leis, disposições, direitos, regulamentos e decisões ministeriaes, procedendo a verificações de documentos e as inspecções inopinadas. Só o Ministro pode dar ordens e instruções aos Inspectores, para execução dos serviços que lhes incumbem.

No caso de transferencia, os interessados apresentam aos Sub-Intendentes militares (da nova e da antiga residencia), incumbidos de administrá-los, os documentos comprobatorios da sua situação.

Além destas relações directas, o official mais graduado de cada cathegoria, em cada guarnição e em cada serviço, serve de intermediario entre os officiaes da sua cathegoria e o Sub-Intendente, enviando mensalmente as alterações que servirão de base á escripturação dos registros e ao processo dos vencimentos.

Em campanha, os Quarteis Generaes do Grupo de Exercito, do Exercito, Corpo de Exercito, Divisão ou formação independente, assim como o serviço de etapas de cada exercito, comprehendem officiaes sem tropa das diversas cathegorias do tempo de paz, adstrictas ao Estado Maior, aos diversos serviços e formações (comboios administrativos, ambulancias, hospitaes de campanha, etc.).

Os officiaes sem tropa de um mesmo estado-maior, serviço ou formação, constituem um grupo; um official se encarrega das funções de *official-pagador* e exerce as funções de delegado do chefe do grupo. E' este official que serve de intermediario entre os officiaes do grupo de uma parte, e doutra parte o funcionario que processa as folhas ou o pagador para as prestações em dinheiro, e o serviço de manutenção militar para as prestações em especie.

Convene dizer que, para simplificar, no que concerne ás prestações em especie todos os grupos do mesmo quartel-general ou serviço de etapas reunem-se formando uma só unidade administrativa, continuando, porém, para as prestações em dinheiro a ser observada a distinção por cathegorias em cada grupo.

Em cada departamento, o Sub-Intendente militar da capital, ou outro designado quando houver mais de um, está incumbido do processo dos vencimentos e de escripturar os registros dos officiaes que se acham na inactividade ou na reserva especial, bem como dos officiaes e sargentos a soldo de reforma.

Estes officiaes e sargentos só têm direito ao soldo especial que lhes compete pela sua situação, e não têm com a administração militar senão as relações individuaes que concernem a esse soldo.

#### TRANSPORTES DE MATERIAL

##### *Regulamentação geral e objecto do serviço*

A Administração da Guerra contractou com as cinco grandes companhias de estradas de ferro e com a administração das estradas de ferro do Estado, a execução desse serviço em tempo de paz, pelo prazo de tres annos, tacitamente prorrogável por periodos de igual duração, até aviso previo de qualquer das partes contractantes feito um anno antes da expiração de um dos periodos.

Obrigaram-se as companhias pelo contracto a fazer o transporte de material, generos e aprovisionamentos de toda a especie pertencentes á Administração da Guerra, sob determinadas condições e por preços preestabelecidos, ou pelos preços commerciaes quando a Administração achar que estes são mais convenientes, in-

clusivo o material que a Administração ceder ou emprestar, e bem assim o que, embora não lhe pertencendo, tiver de ser transportado por sua conta e para satisfazer ás suas necessidades.

Por sua parte, obrigou-se a Administração da Guerra a entregar ás companhias a totalidade do material que tiver de ser transportado, salvo certas reservas e excepções.

Assim é que o Ministro pôde mandar executar os transportes a qualquer distancia pelos meios militares, como também pôde mandar executal-os por qualquer meio no interior das praças e n'um raio de 12 km. ao redor dos fortes, praças e estabelecimentos militares, quando estes transportes não sejam um *camionage*, que é o transporte entre os armazens do Estado e as estradas de ferro, ou portos de embarque, do material que veio ou que vai ser despachado por terra ou por agua. Pôde tambem mandar transportar por qualquer meio dos armazens militares para os moinhos particulares e vice-versa, o trigo ou os productos da moagem destinados ao Exercito. As cargas que vêm do exterior por via marítima seguirão embarcadas até o ponto do interior que puderem attingir sem transbordo e só ahi serão entregues ás companhias e as que vierem por via terrestre ou fluvial só o serão na estação mais proxima do ponto de entrada, na linha pela qual vierem transportadas. O mesmo se dá com as cargas para o exterior, que serão embarcadas desde o ponto do interior em que possam ser despachadas sem transbordo. A Administração ficou com o direito de servir-se da via marítima para os transportes entre os portos da costa, desde que esses portos sejam realmente os pontos iniciais dos despachos e finaes de destino. As cargas que se destinam á Algeria e Tunisia ou que de lá procedam, pôdem ser embarcadas ou desembarcadas em qualquer porto da França, contanto que o ponto inicial do despacho ou o final de destino em França não diste desse porto mais de 50 km. por estrada de ferro. Todos estes são os chamados transportes reservados.

O contracto não abrange os despachos que se pôdem fazer pelo correio ou por *cotis postal*, as bagagens e o material que acompanham os corpos de tropa e destacamentos que viajam em embarcações ou por etapas, as bagagens e *stocks* que os corpos e destacamentos levam quando viajam por estrada de ferro. Estes são os transportes chamados de *excepção*.

Os transportes chamados de *camionage*, que ficaram definidos linhas atraç, não pôdem exceder um percurso de 10 km. Em principio, incumbe ás companhias contractantes effectual-os pelas clausulas do contracto, mas a Administração da Guerra e os fornecedores desta, têm a faculdade de executal-os, a primeira pelos meios militares e os ultimos com os seus proprios recursos; nestas condições, porém, não têm as companhias obrigaçao de executar ocasionalmente os carretos dos serviços militares ou dos fornecedores que se utilizam da faculdade de executal-os normalmente com os proprios recursos. Além d'isto, os volumes de peso inferior a 10 kilos, e as pequenas encomendas despachadas sob condições commerciaes, devem ser entregues e recebidas na estação.

### Organização geral e meios de execução. Velocidades

Em cada circunscripção territorial ha um Intendente militar incumbido de superintender o serviço de transportes, pessoalmente na guarnição em que reside e por intermedio dos seus substitutos nas outras localidades da circunscripção.

Em cada praça, forte ou estabelecimento militar, indicado pelo Director da Intendencia da região ou do corpo de exercito, as companhias nomeam um preposto, incumbido de receber e executar as requisições de transportes. Este preposto pôde acumular o serviço de varias localidades vizinhas, si o permitir a pouca importancia do serviço. Na falta de nomeação especial, os agentes de estação são considerados prepostos nas localidades servidas pelas respectivas estações.

Nas cidades em que ha varias estações, cada agente desempenha as funções de preposto para os transportes que têm de ser feitos pela linha a que pertence a respectiva estação.

Em Paris as companhias são representadas por um Agente Geral, acreditado junto ao Ministério da Guerra para agir em nome delas em todas as questões que possam surgir na execução do contracto. Este agente é tambem o preposto na praça de Paris, mas faz-se representar pelos agentes da estação para o recebimento e entrega do material conduzido pelos meios militares. E' o Agente Geral quem participa as alterações que se dão entre os prepostos, cuja destituição pôde ser exigida em caso de queixa considerada justa pelo Ministro.

Normalmente os transportes são feitos: pelas estradas de ferro das companhias contractantes e, accessoriamente, pelas linhas de outras companhias; por meio de rodagem; pela navegação interior e por *camionage*.

O emprego da navegação interior só pôde ser ordenado pela Administração, quando as localidades entre as quaes se faz o transporte não são ligadas por estrada de ferro.

Por estrada de ferro (ou quando se emprega a rodagem) os trens de pequena velocidade são de regra para os transportes, ou os de velocidade accelerada, conforme as ordens, mas em certos casos, dada a pouca importancia da expedição, é obrigatorio empregar os trens de velocidade accelerada. Em casos excepcionaes pôde-se ordenar a grande velocidade, nos trens pelos preços commerciaes, e quando se emprega a rodagem, indemnizando o frete pago á respectiva empreza.

A velocidade accelerada não pôde ser ordenada no transporte por agua senão quando existe serviço regular e quotidiano a vapor, e a pequena velocidade quando se freta toda a embarcação.

O mesmo transporte pôde ser feito com velocidade accelerada por terra e por agua e em trens de pequena velocidade nas estradas de ferro — tem-se assim a velocidade mixta.

As velocidades accelerada e mixta só pôdem ser prescriptas pelo Ministro. Salvo ordem especial, nunca se recorre aos trens de grande velocidade. Nos casos urgentes, os Generaes ou Directores de serviço com essa categoria, pôdem solicitar que os transportes sejam feitos

pelos trens de grande velocidade, mas levarão o facto ao conhecimento da autoridade competente.

#### *Formalidades dos despachos*

As expedições de generos, artigos, etc., são prescritas pelo Ministro, pelos Generaes e Directores de serviço assimilados aos Generaes, que baixam *ordens de expedição*. As companhias executam os transportes mediante *requisições de transporte* feitas pelo Ministro ou pelos funcionários da Intendencia, ou por quem faz as vezes destes. Qualquer expedição exige a entrega de uma requisição de transporte, destacada de um talão.

Acondicionado o material de conformidade com a ordem de expedição, o corpo ou serviço organiza um *pedido de requisição de transporte*, no qual indica a ordem da autoridade competente que vai motivar o transporte, a natureza da carga, peso, numero de volumes, lugar onde será entregue (estaçao, deposito, armazem), velocidade que será empregada, serviço por conta do qual se faz a expedição, serviço destinatario, lugar de destino e, nas observações, o dia em que os volumes poderão ser retirados. O papel é remetido ao Sub-Intendente militar encarregado do serviço de transportes, que é o unico que tem competencia para despachal-o, sendo previamente visado pelo chefe do serviço, ou pelo Sub-Intendente militar encarregado da verificação das contas quando o expedidor fôr um corpo de tropa.

Attendendo ao pedido o Sub-Intendente encarregado do serviço de transportes destaca de um talão e remette ao signatario, sem separalos, um *aviso de expedição* e uma *requisição de transporte*, tendo esta em baixo e em branco um *conhecimento administrativo* que o expedidor enche, menos as datas, devolvendo tudo ao Sub-Intendente, depois de fazer os devidos lançamentos no seu registro H (que adiante será explicado).

Como as despesas de transporte do material da Guerra correm por conta de cada um dos serviços transportadores, os papéis levam no alto a indicação do serviço por conta do qual se faz o transporte (Art., Eng., Viveres, Forragens, etc.).

O Sub-Intendente verifica os documentos, data e assina, faz os devidos lançamentos no catálogo do talão, registra-os no seu proprio registro H e os remette sempre adherentes ao preposto ou ao seu representante, que passa recibo do talão. Só o Sub-Intendente pôde modificar as datas inscriptas nos documentos de execução.

Recebendo a requisição de transporte o preposto combina com o expedidor a verificação, recebimento e retirada do material; estas operações se realizam no armazem militar ou na estação, conforme o carro do material se faz pelos meios militares ou por empreitada.

Quando se trata de explosivos, ou carga analoga, as companhias recebem aviso do transporte com 24 horas de antecedencia e mesmo com antecipação de 3 dias quando o trajecto deve ser feito em linha de via simples; nesse caso, na medida do possível, o carro é feito pelos meios militares.

Quando o carro é feito pelas empresas, o material é entregue no andar terreo ou no

pateo dos armazens e passado para o veículo pelo pessoal do serviço expedidor auxiliado pelo respectivo conductor, depois de verificado em presença das duas partes interessadas. O conhecimento é então assignado pelo expedidor e pelo preposto; ambos, porém, podem fazer-se representar.

O preposto toma conta do material e passa recibo no conhecimento e no aviso de expedição, empenhando por essa forma a responsabilidade das companhias. Os documentos são então separados — a requisição de transporte e o conhecimento acompanham a carga até o destino; o aviso de expedição é entregue ao remettente, que delle se serve primeiramente para lançar a data do transporte no seu registro H, enviando-o em seguida ao Sub-Intendente que, depois de declaral-o conforme ao conhecimento, transmitte-o sem demora ao seu collega do lugar de destino, o qual o fará chegar ás mãos do destinatario.

Além do conhecimento, o preposto recebe do remettente, quando o transporte é de explosivos ou inflamaveis, uma requisição mediante a qual a companhia poderá, á chegada, obter da *garde-marie* a competente escolta que acompanhará a carga até o estabelecimento a que ella se destina.

O acondicionamento dos artigos se faz conforme os usos commerciaes e está a cargo do remettente; os volumes devem levar inscrições e marcas visíveis que ajudem a reconhecerlos. Sob pena de sobretaxa, o peso e as dimensões não devem exceder um maximo, variável com o meio que se emprega para o transporte.

Os prepostos pôdem recusar-se a receber os volumes mal acondicionados e exigir que sejam bem arrumados. Em caso de contestação, si o Sub-Intendente estiver convencido que o acondicionamento nada deixa a desejar, submette o caso ao exame de peritos, correndo as despesas por conta da parte condenada, lavrando-se de tudo um laudo. Em caso de urgencia, porém, o Sub-Intendente pôde exigir que o preposto receba a carga sem mais formalidades, sem responsabilidades para a empreza, mas, excepto nesse caso, o mau estado dos volumes não pôde servir de pretexto ás companhias para se eximirem de responsabilidade pelas avarias verificadas na entrega.

#### *Formalidades á chegada no ponto de destino*

Si o material deve ser recebido na estação pelo destinatario, o preposto envia a este o aviso de que a carga se acha na estação. Para esse fim possue o preposto uma relação dos corpos que fazem habitualmente os proprios carretos. Si o material deve ser entregue a domicilio, a um corpo ou estabelecimento que não faz habitualmente os proprios carretos, não se exige nenhum aviso.

O material é entregue ao destinatario na estação ou na arrecadação, ao mesmo tempo que o conhecimento. O destinatario, que já recebeu o aviso da expedição, procede ao reconhecimento do numero e estado dos volumes, certifica a chegada no verso do conhecimento e no aviso de expedição, enche e entrega ao preposto um recibo provisorio que este lhe fornece já impresso, recibo que substitue o conhecimento até o momento em que este seja devolvido.

Passa-se em seguida, sem interrupção, si fôr possível, á verificação do peso e ao reconhecimento definitivo do material, quer a entrega tenha sido feita na estação ou na arrecadação. Estas operações se fazem de accordo com as regras em vigor em cada serviço e no mais curto prazo, em presença do preposto ou do seu representante, oficialmente convocado para tal fim. Terminada a operação, os resultados della são consignados no verso do aviso de expedição e do conhecimento, pelo destinatário; si não forem verificadas perdas nem avarias, dá-se quitação á empreza.

O conhecimento e o aviso, depois de registrados na segunda parte do registro H, que existe em cada corpo ou serviço, são apresentados dentro de 24 horas ao Sub-Intendente para o visto. O Sub-Intendente completa os lançamentos já feitos no seu registro H pelo aviso de expedição, envia o conhecimento ao preposto em troca do recibo provisório, e entrega este documento ao destinatário, bem como o aviso de expedição.

## EQUITAÇÃO

Tendo o Sr. Commandante Chavane de Dalmassey aceitado o encargo da direcção geral de dois centros de preparação para as provas do concurso hippico projectado para as festas do centenário, redigio uma nota sobre a organização respectiva.

Com a devida venia do autor, publicamos aqui a traducção de um trecho que muito pôde interessar grande numero de nossos leitores, mesmo que não sejam candidatos á inscripção para o concurso.

\* \* \*

### I — INSTRUÇÃO DO CAVALLEIRO

I — *Escolha de um cavallo para concurso hippico.* Não se ensinam grandes saltos a cavallo que não disponha dos necessarios meios. O preparo de um cavallo para concurso consiste em ensinar-lhe a servir-se dos meios que lhe são proprios e a utilizal-os no mais alto grão. E', pois, inutil trabalhar um animal que não possua grandes meios: nada poderá produzir em um concurso.

II — *Noções sobre a preparação do cavallo.*

a) — *Pôr um cavallo em estado (mise en état)* — alimentação (papel da aveia, do assucar), penso, ligaduras de flanela, etc.

b) — *Pôr um cavallo em condição (mise en condition)* — trabalho regular, lento, longo e progressivo.

c) — *Pôr um cavallo em folego (mise en souffle)* — galopes de 1.500 a 2.000 metros, a 400 metros por minuto, em terreno apropriado.

III — *Habito do salto:* Saltar todos dias obstaculos fixos, tanto quanto possível, e em diferentes cavallos. O cavalleiro adquirirá, assim, gosto pelo obstáculo, saberá como abordar obstaculos diferentes; aprenderá a servir-se de suas pernas regulará o comprimento dos lóros, consensualmente pessoal. O comprimento deve ser tal que o cavalleiro tenha maior fixidez possível, conservando o mesmo tempo a faculdade de servir-se das pernas. Note-se que, em principio, a fixidez exige de preferencia estribo curto.

O cavalleiro aprenderá tambem a ceder ao cavallo, quer estendendo os braços, quer abrindo os dedos sem mudar a posição das mãos. O que importa é ceder. O primeiro metodo pôde ter inconvenientes com um cavallo de pescoço longo; o segundo obriga a retomar as redeas depois do obstáculo. Em obstaculos fixos, em obstaculos de terra e no exterior eu prefiro ceder abrindo os dedos; mas ainda aqui a cada um cabe a escolha do metodo.

IV — *Posição no salto:* Descarregar o post-mão, permanecendo sempre na sella, mesmo quando se tenham as nadegas fóra della.

V — *Maneira de abordar os obstaculos:* Em principio, no galope normal. Lançarse sobre o obstáculo direito e firme. Abordar os duplos e os triplos mais lentamente com um cavallo de passadas curtas; com um cavallo de passadas alongadas a velocidade deve ser regulada consoante a distancia que houver entre os obstaculos do grupo. Os grandes obstaculos de terra devem sempre ser atacados com rapidez. Os largos devem ser atacados com velocidade só nas ultimas passadas. Quanto mais largo o obstáculo, mais é preciso ser senhor da velocidade e da impulsão.

Em um campeonato de altura lançarse com velocidade. O cavallo prepara-se por si mesmo. Em um campeonato de largura, ao contrario, conservar o domínio da impulsão para que o cavallo dê a batida de salto exactamente na borda do obstáculo.

O salto de um obstáculo de 2<sup>m</sup>,50 a 3<sup>m</sup> de largura é para um cavallo um simples passo de galope um pouco alongado; é, pois, desnecessario, para passar, pôr de qualquer modo o animal em desordem.

**VI — Trabalho á guia.** Antes de ser levado ao obstáculo pela guia o cavalo deve trabalhar convenientemente em uma e outra mão e, isto é essencial, deve tomar a guia logo que se abrem os dedos. Só assim poderá ser levado direito ao obstáculo e se poderá fazê-lo saltar á guia obstáculos duplos e triplos.

Este trabalho deve ser executado com perfeição, sob pena de apresentar mais inconvenientes do que vantagens.

**VII — Trabalho em liberdade — No corredor.** Noções sobre o modo de proceder. A calma é essencialmente indispensável neste género de trabalho.

**VIII — Aprender a barrar um cavalo.** A barragem não deve ser dada do mesmo modo em todos os cavalos. Deve-se levar em conta o temperamento do animal e suas reacções á barragem. Maneira de executar o exercício nas diferentes espécies de obstáculos.

\* \* \*

## II — PREPARAÇÃO DO CAVALLO

«Não importunar o cavalo. Nunca lhe exigir esforço superior ao que no momento elle pôde produzir.»

**I — Pôr em condição.** Pôr o cavalo em condição para o trabalho não é o mesmo que o pôr em condição para as provas. O ultimo exercício não pôde ser mantido indefinidamente, sob pena de surmenage; mas deve ser recomeçado com intervallos de oito a dez dias si o cavalo ficar em condição de trabalho.

Para pôr o cavalo em condição é preciso um trabalho methodico combinado com uma alimentação conveniente. Durante o preparo para um concurso elle deve comer uma certa proporção mínima de aveia.

**II — Exercícios á guia sem obstáculos** — Trabalho em uma e outra mão. Ensinar o cavalo a parar á voz de comando. Augmentar e diminuir o círculo.

**III — Franqueza e destreza** — Obter-se-á resultado quando o cavalo tiver confiança em seus meios e confiança no cavalleiro.

A franqueza e a destreza obtêm-se principalmente pelo trabalho no exterior. Durante elle o cavalleiro deverá saber distinguir a ignorância da resistência. A primeira exige processos convincentes, empregados com paciencia e sem brutalidade; sem o melindrar, procura-se fazer-

lhe entender o que se quer dele. Uma ou duas lições bem dadas, com acurada paciencia, evitam toda resistência ulterior. Si, a despeito de um trabalho assim conduzido, manifestar-se uma caracterizada má vontade, não hesitar em corrigir severamente, mas sem perder o sangue frio.

Por um leal exame de consciencia o cavalleiro deverá procurar ver si a resistência manifestada não é consequencia de um erro por elle commetido.

Quanto possível este trabalho, exclusivamente individual, deverá ser feito montado, em longos passeios por itinerários préviamente conhecidos do cavalleiro e que apresentem dificuldades de passagem de ordem crescente (fossos, poças d'água, taludes, estradas), que durante o passeio se apresentem ao cavalo inesperadamente sem que elle tenha sido advertido pela mudança de andadura ou mesmo pela ajustagem das redeas. Si o animal pára, deve-se deixal-o olhar, cheirar, comer a herba e depois impulsional-o progressivamente com as pernas, conservando as redeas sempre frouxas mas promptas a impedil-o de fugir pela direita ou pela esquerda. Com bôas palavras e caricias é bem raro que no fim de trez ou quatro minutos não esteja já convencido.

Si o cavalleiro observar uma judicosa progressão, jámais terá dificuldades. Entretanto pôde ser prudente conservar nas proximidades um cavalo de franqueza experimentada, montado por um camarada prompto a passar na frente, no caso de resistência muito prolongada por falta de comprehensão. Mas só como ultimo recurso cumpre empregar este processo.

Em summa, appellar para a intelligenzia do cavalo e nunca lhe apresentar a passagem do obstáculo como tarefa desagradável.

Este trabalho sendo bem orientado dará em vez e meio um cavalo firme e confiante, passando naturalmente e em todas as andaduras, sem recusar nunca os obstáculos naturaes de 90 cm. a 1 m.

Só então poderá ser iniciado o trabalho de preparação propriamente dito, nos obstáculos convencionados.

**IV — Exercícios para concurso hippico** — Habituar o cavalo a saltar os diferentes obstáculos. O animal deverá estar em condição e em folego.

Os processos de preparação são numerosos. Pódem ser reduzidos a quatro:

Em liberdade  
No corredor  
A guia  
Montado.

Qualquer delles pôde dar excellentes resultados e cada um tem seus partidários. Todos apresentam inconvenientes. Pôde-se, entretanto, combinal-os.

Prefiro o *trabalho montado*, em percurso organizado consoante o grão de adestramento (sem receio de quedas) e o *trabalho á guia* para adestrar cavallos em obstáculos duplos e triplos ou empregar a barragem em obstáculos verticais.

O essencial, qualquer que seja o processo adoptado, é trabalhar segundo um programma bem estabelecido e delle não se afastar sob pretexto algum, adoptando cada official methodo de que espere conseguir os melhores resultados.

Um cavallo que se destina a concurso hippico nunca deve, a partir do inicio de sua preparação, trabalhar em obstáculos inferiores a um metro, obstáculos que devem ser tão fixos quanto possível.

Os percursos devem ser curtos e variados. Consegue-se a variedade empregando obstáculos moveis. No começo é conveniente collocal-os longe uns dos outros. Os percursos serão feitos tanto á mão direita, como á esquerda.

Depois de um percurso o cavalleiro deve apear e recompensar seu cavallo.

Durante esta preparação convém observar uma judiciosa progressão afim de não tirar o gosto do animal ou enerval-o. Nunca fazer mais de dois percursos por semana, podendo-se nas que precedem imediatamente as provas, chegar a um maximo de trez.

V — *Barragem* — Só se executará este trabalho quando o cavallo estiver habituado aos diversos generos de obstáculos de concurso hippico. Não tem razão de ser sinão com obstáculos que pôdem cahir — vara, barreira, muro encimado por uma peça movel de madeira (*vara*) pintada da mesma cor, ou occulta atraç do muro.

O objectivo deste trabalho é mostrar ao cavallo que, saltando esses obstáculos, elle deve fazer um esforço superior ao que lhe parece bastante. O processo consiste,

pois, em dar-lhe sensação mais ou menos violenta de que tocou o obstáculo.

Para isto existem meios mecanicos, mas sou de parecer que nenhum delles vale a *barragem* cuidadosamente executada á mão.

Para que a *barragem* seja realmente proveitosa é necessario que o cavallo nunca possa perceber se será barrado ou não.

O emprego da *barragem* será feito com muito criterio e não a torto e a direito, sobretudo no trabalho com cavallos de sangue.

Na progressão de violencia crescente do exercicio emprega-se a barra de madeira leve, a pesada, a de ferro, a barra munida de pregos.

Um cavallo deve ser barrado acima da corôa e nunca na canella. Em certos animaes de sangue basta tocar apenas os cascos.

Appellar sempre para a intelligencia do cavallo afim de não o enervar.

Em todo trabalho de preparação cumpre evitar o mais possivel que o animal não montado caia ao saltar a guia. Está evidenciado que o cavallo que cár com seu cavalleiro admitte muito bem esta desgraça em que ambos tomam parte; mas guarda sempre rancor ao cavalleiro que em trabalho á guia fal-o cahir por descuido ou impericia.

## Transmissão de ordens, informações e sinais

(Notas da Escola de Sargentos de Infantaria)

Fontes de consulta:  
Le soldat et la section au service en campagne.

Cap. Roussau.

Instruction pratique sur le service de l'infanterie en campagne du 5-10-1902, modifiée le 27-5-1906.

Ex recto Francez.

FIM. — Habituar os homens a transmitir com clareza e precisão uma ordem, uma informação ou um signal.

Esta instrucção encontra sua principal justificativa no importante problema das ligações, hoje capital na contribuição do sucesso, e sua necessidade impõe-se mesmo na vida diária da caserna. Para satisfazer esta necessidade o Commandante do Corpo procura formar especialistas — agentes de transmissão — em numero correspondente ao efectivo de guerra e

ndo em conta aquelles desta cate-  
ria que têm de ser chamados em caso  
mobilisação (R/I/Q/T. 86); mas como  
o numero não é sufficiente, torna-se im-  
escindivel que todos os homens da com-  
panhia sejam treinados para attender ás  
gencias da companhia, do pelotão e do  
suo de combate no que diz respeito ás  
gencias entre os seus elementos e com  
as unidades vizinhas.

Apresenta ainda a grande vantagem de  
desenvolver a linguagem dos homens, de  
habituar os officiaes instructores, sargentos  
e graduados auxiliares a dar ordens  
claras, concisas e precisas, a escolher os  
agentes de transmissão mais habeis e a  
exigir a repetição da ordem ou informa-  
ção para certificar-se de que ella foi bem  
comprehendida.

**1.º) MÉTODO.** — Demonstração da  
utilidade. — Começa-se mostrando aos  
homens, a titulo de demonstração, a difi-  
culdade em se comprehender e trans-  
mittir uma ordem ou uma informação.

Para isto constituem-se grupos de 8 a  
12 homens, collocam-se estes a uma dis-  
tancia sufficiente uns dos outros e o in-  
structor dá uma ordem ou uma informa-  
ção um tanto longa, mas bem comprehen-  
sível, ao homem de um dos extremos;  
este, depois de a repetir, a transmitte ao  
immediato e assim por diante. O instrutor  
acompanha a transmissão, tomando  
nota dos erros e dos esquecimentos.  
Reunindo em seguida o seu grupo, repete  
a ordem dada primitivamente e a com-  
para com a que chegou á extremidade do  
grupo, chama a attenção para as con-  
sequencias que, na realidade, poderiam  
resultar da deformação da ordem e indi-  
ca os erros commettidos pelos homens,  
afim de que cada um se sinta responsa-  
vel para com seu chefe e procure se es-  
forçar dahi por diante.

**2.º) PRÁTICA.** — Passa-se então a  
ensinar aos homens os meios efficazes  
para reter uma ordem ou uma informa-  
ção e para transmitti-la integralmente.

O instructor dispõe os homens como  
para a demonstração e pratica dando or-  
dens para serem transmittidas como an-  
teriormente.

Deve-se exigir que os homens fallem  
alto e com clareza, que repitam a ordem,  
informação ou signal para mostrar que  
a retiveram e a comprehenderam, que se  
esforcem por empregar as mesmas pala-

bras quando transmittirem, que digam de  
que autoridade vem e a quem se destina  
a ordem ou a informação.

Ensina-se-lhes a verificar si a ordem  
ou a informação é intelligivel para  
aquele que a recebe e si a informação  
sobre o inimigo está completa.

Para tal fim dão-se algumas vezes, in-  
tencionalmente, ordens ou informações  
confusas ou incompletas para que os ho-  
mens se habituem a pedir esclarecimentos.

Esta instrucção será efficazmente au-  
xiliada si se exigir, no serviço diario da  
caserna, a repetição de toda e qualquer  
ordem por mais insignificante que seja.  
Em pouco tempo se conseguirá o automa-  
tismo na repetição da ordem.

**3.º) APPLICAÇÃO.** — Quando os ho-  
mens apresentarem um certo desemba-  
raço, iniciam-se os exercícios de appli-  
cação.

Na praça de exercícios o instructor faz  
com que os homens de uma turma trans-  
mittam suas ordens ao auxiliar que di-  
rige outra turma, exigindo que na volta  
digam «dada a ordem», caso não tenham  
de fazer outra comunicação.

Do mesmo modo pratica nos diversos  
exercícios de campo, durante as marchas,  
nos altos, etc., mantendo sempre as exi-  
gências já citadas.

Mais tarde pratica-se a transmissão  
através de itinerarios fixados e determi-  
nados de modo a estabelecer uma pro-  
gressão na dificuldade do terreno a per-  
correr, na distancia a que se acha o in-  
imigo, na extensão da ordem e no tempo  
que decorre entre a partida e a volta do  
homem.

Neste exercicio dá-se preferencia: —  
1.º) á fidelidade com que foi a mensa-  
gem transmittida; 2.º) á habilidade do  
agente de transmissão em aproveitar o  
terreno e em fazer o seu percurso sem se  
mostrar; 3.º) á rapidez da transmissão.

E' conveniente combinar esta in-  
strucção com as do patrulhador e da pa-  
trulha procurando-se desenvolver, daqui  
por diante, os conhecimentos relativos ás  
ordens e informações e á sua trans-  
missão.

Assim, á medida que os outros ramos  
da instrucção se forem adiantando se-  
rão ministradas as noções indispensaveis  
á missão dos estafetas de infantaria (a  
pé ou a cavallo — esclarecedor mon-  
tado) tais como:

a) — Velocidade de transmissão (R/S/C. 93). — A velocidade de marcha de um portador de ordens, informações, etc., quando montado, deve ser regulada — tanto quanto permitta a natureza do terreno, o estado dos caminhos e estradas, o tempo e o estado do cavalo — do seguinte modo:

Nos casos de despacho ordinario (U), fazendo dois terços do tempo a trote e um terço a passo, de maneira que percorra um kilometro em 6 minutos ou 10 km. por hora; nos casos de despacho urgente (UU), fazendo todo o percurso a trote ou cerca de 13 km. por hora; finalmente nos casos de despacho urgentissimo (UUU), o estafeta marchará tão rapidamente quanto o seu cavalo permitir.

Estando o portador a pé emprega, no primeiro caso, o passo sem cadencia, de modo que percorra approximadamente um kilometro em 12 minutos; no segundo, procura percorrer a mesma distancia em 8 minutos; no terceiro emprega toda a velocidade que lhe permittam as forças e o trajecto que tem de fazer.

Essas velocidades devem ser observadas mesmo nos casos de transmissão verbal de comunicações.

Quando o portador utilisa a bicycleta, motocyclo ou automovel, deve-se fixar previamente a velocidade de marcha.

O portador de um despacho não modifica a andadura de seu animal quando cruzar com superior, nem precisa apeiar-se para entregar o despacho ao seu destinatario, mas justifica aquelle procedimento dizendo em voz alta — Serviço urgente — (R/E/C/I. 40).

b) — Informações pessoaes (R/S/C. 85).

— O encarregado de levar uma ordem, principalmente o official, deve, geralmente, conhecer o seu conteudo e, enquanto dura sua missão, procura informar-se dos acontecimentos de que pôde ser testemunha, de maneira que fique por sua vez em condições de informar seu chefe e a autoridade a que leva a ordem.

Si a situação com a qual se relacionava a ordem, modificou-se durante o trajecto, seu portador não está menos obrigado a transmitti-la tal qual a recebeu, mas ajunta em seguida as explicações necessarias a respeito do fim a que se propunha o chefe no momento em que

o deixou. Si a ordem comporta uma execução immediata, assiste ao começo dessa execução afim de prestar esclarecimentos

c) — Em caso de encontro com o inimigo (R/C/S. 90). — O portador de um despacho deverá ter o maior cuidado em impedir que esse despacho caia nas mãos do inimigo, não hesitando em fazê-lo desapparecer, si fôr necessario.

d) — Parada no trajecto (R/S/C. 91). — Um portador de despacho só poderá ser detido em seu caminho em caso de circumstancias especiaes e sob a inteira responsabilidade da autoridade que o fizer, a qual mencionará esse facto na margem do despacho, assignando a declaração.

e) — Auxilio aos agentes de transmissão (R/S/C. 92). Os agentes de transmissão devem ser auxiliados por todos os meios possiveis por qualquer tropa que encontrem em seu trajecto.

f) — Communicações ás forças que encontra (R/S/C. 95). — No caso de perigo iminente, o portador de despacho, desde que conheça o seu conteudo, deve comunicá-lo, ao passar, em altas vozes, ao commandante da testa, da vanguarda, etc., com os quaes se informa, caso seja necessario, do logar onde se ácha o destinatario.

g) — No caso de ser ferido ou sentir-se doente (R/S/C. 97). — Neste caso o portador de despacho deve transmitti-lo ao commando da tropa mais proxima, que lhe dá recibo e designa immediatamente outro agente de transmissão para levar esse despacho a seu destino.

E muitos outros preceitos contidos no R/S/C. e nas Instrucções sobre transmissão.

SIGNAES. — Cuidar-se-á tambem de familiarisar todos os homens com signaes capazes de permittirem relações opticas entre os diferentes elementos dos postos avançados, do serviço de segurança em marcha e no combate, os quaes são de uso frequente e de uma utilidade incontestavel.

Aos signaes regulamentares — Attenção, — Avançar, — Alto, — Reunir, — Em atiradores, — Cerrar intervallos, — Mudar de direcção, — Accelerar o passo, — Retomar um passo mais lento, — Deitar, — Levantar, e aos signaes de apito e de bandeirolas (R/E/C/I. 37, 38 e 39) aos quaes os homens devem obedecer co-

se fosse a um commando e que elles, por sua vez, devem repetir, convém acrescentar varios outros que servirão para a communicação de informações. (Nada de novo, indicios de inimigo, alarma, chamada do commandante, etc.). Esses signaes serão empregados com frequencia no funcionamento da vanguarda, no serviço de postos avançados e no combate. Os homens aprendem-nos com rapidez e, graças ao seu emprego, consegue-se quasi instantaneamente e sem que sejam destacados homens para esse fim especial recolher informações de patrulhas afastadas.

Completar-se-á a instrucção ensinando os homens a transmittir signaes acusticos, geralmente usados á noite, taes como o zumbido dos insectos, o pio dos passaros, assobios, pigarros, pancadas seccas na arma, batidas na bandoleira, etc.

*Tristão de Alencar Araripe.*  
1.º tenente.

*Corrigenda.* — No trabalho do numero passado deve-se ler: Cobertas em vez de coberturas; á pag. 398, 2.ª columna, linha 55.ª, leia-se: se evitar agglomeradas.

## Armamento da Infantaria

O Sr. Carlos Maximiliano acaba de apresentar á casa do Congresso a que pertence um projecto que obriga o executivo a suspender todas as encomendas feitas no estrangeiro, exceptuado o que diga respeito ás estradas de ferro, de que o R. G. do Sul tanto carece.

Dir-se-á que o fim principal desse projecto é cortar cerce na autorização dada ao executivo quanto ao material bellico de que precisamos.

Se assim é, não ha duvida que o remedio não tem o merito da originalidade, porque sempre foi esse o caminho seguido pelos nossos economistas :cortar nas despesas militares, subtrahindo á caudal dos nossos *deficits* uma preciosa gotta d'agua.

Esqueceu-se S.ª Ex.ª de que um assumpto de tal monta carece de estudo demorado. Medidas de tal ordem, tão radicais, impõem certa reflexão ao nosso patriotismo. Não se proceda aqui como se ha procedido alhures, deixando em meio obras que custaram o bom dinheiro do contribuinte e que por ahi se acham

a cahir aos pedaços, pedindo mais um pequeno esforço para se tornarem uteis e duradouras.

A lista é grande, mas as *villas* Proletaria e Militar ahi estão na capital da Republica, as obras da Alfandega de P. Alegra, etc., no Rio Grande do Sul.

Não ha muito, havia a União emprestado ao governo do mesmo Estado 4.000 contos em trilhos para estradas de ferro. Quando os engenheiros do governo riograndense foram receber o material, que se achava abandonado, por disposição legislativa, no porto do Rio Grande, recusaram-no.

Estava completamente estragado e só valia como ferro velho!

S.ª Ex.ª, que vive longe, poderia ouvir isso que ahi está da boca do Sr. secretario das obras publicas do Rio Grande do Sul, se se désse ao trabalho de lhe perguntar. Ao que se dizia cá por baixo, na rua, o illustre presidente daquelle Estado achou aquillo caro, mesmo de graça...

E não se diga que os casos differem, quando se trata de obra de pedra e cal, quando se trata de material bellico.

A grandeza dos povos não assenta apenas na viação e noutras obras publicas. Com a pedra e cal nem todos os povos se fizeram grandes, posto que a alguns a natureza negou taes elementos; mas, da espada nenhum prescindio.

S.ª Ex.ª, que é erudito, sabe muito bem disso. Simplesmente os seus trabalhos, embrechados nas correntes do idealismo dos ex-constituintes e contra as quaes S.ª Ex.ª outr'ora arremettia, consideram a guerra como cousa alheia ao trato da gente culta. E quem assim pensa, da guerra não cogita.

Ora, ahi está como não será possível que o aceitemos, cada um de nós no seu ponto de vista.

Em S.ª Ex.ª o philosopho mata o homem pratico; em nós, o homem pratico esterelisa grosseiramente todos os surtos idealistas. Illumina-nos a razão fria que calculadamente abate, sobre o chão da historia, a qualquer sentimentalismo.

E' a «mestra da vida» que nos ensina que a guerra que ninguem deseja vem quando menos se quer, derrubando idолос, despertando de seu sonho a quantos se deixaram guiar pelo ideal unico da grandeza sem armas.

E' um phemoneno de que ninguem conhece as leis, não obstante todas as construções do espirito humano, envaidecido de tudo quanto o cerca e que é obra sua. Menos explicavel que a furia dos vendavaes, arrasta-nos sem que se saiba como e só se detem quando as suas consequencias já são inevitaveis. Depois, sobre as ruinas fumegantes, o historiador e o philosopho baixam suas pesquisas, com o mesmo insuccesso do naturalista que sobre as cinzas das phalenas mortas procurasse a origem da força que as impellio para a chamma aniquiladora.

A' luz da historia — e quem diz da historia diz da logica — só quem é forte, superiormente forte, está livre de ser atacado. E como quem respeita o direito alheio não ataca os outros, um povo para não se envolver em guerras deve, em principio, ser forte e respeitar o direito alheio.

Não ha no Brasil duas pessoas que pensem em ferir o direito dos outros. Essa mentalidade devemol-a á propaganda jurídica, mas, quem poderá estar certo do espirito de reciprocidade dos outros povos?

Armemos-nos, não para aggredir, mas para evitar que nos aggridam.

\*

Não ha logar para crêr que o unico facto de havermos contratado uma missão militar em França baste para que nos consideremos sufficientemente fortes. Em si, o facto de termos entre nós quem diga o que nos é preciso, quem nos dê lições theoricas sobre a nova tactica, pelo contrario, aggravou o mal da nossa desorganisação. Estamos em situação perigosissima, em crise, pôde-se dizer. Deus nos livre de que alguém nos atacassem em flagrante delicto de plena reorganisação, porque a nossa infantaria — e ella é a arma principal de um exercito — não mais se enquadrava nas velhas ordenanças, nem se adapta ás novas, que exigem um apparelhamento especial.

Por que, então, privar o actual governo de concluir sua obra? Não é o Exercito a menina dos olhos de todos os partidos, como se propala agora? Mais do que defendendo-lhe as prerrogativas tradicionaes de um promettido *home rule*, pôde-se servi-lo assim, apparelhando-o para bem desempenhar a sua ardua tarefa de guerra.

Não se pôde adquirir desde logo tudo o que lhe falta, mas continue-se a proceder por partes, sem desfalecimentos. Dê-se á sua infantaria o que lhe é indispensavel para viver. Dê-se-lhe os fuzis-metralhadores (se o Madsen não prova bem, recorra-se ao Browning, por exemplo), dê-se-lhe as metralhadoras leves e pesadas, dê-se-lhe o 37 e o Stokes.

Sobre este material não ha duvidas. O 37 é o melhor do seu genero, no es-tado actual da industria. Os que frequentam a E. A. O. são unanimes em lhe elogiar a mobilidade, a facilidade de escaramento, etc. A sua munição pôde ser fabricada entre nós. Pôde e deve.

O Stokes é rustico por excellencia: pouco mais que um tubo rudimentar de aço.

Isto é o indispensavel, o que se precisa adquirir desde já. Representa um minimo, abaixo do qual não é permittido ir.

Ahi tem S.ª Ex.ª o que o nosso patriotismo nos ditou. E' um aviso de officio.

Deixemos este governo prosegui na sua obra. O nosso patriotismo está acima dos partidos.

F. Paula Cidade

1.º tenente.

## As metralhadoras na guerra de movimento

Pelo General de Divisão reformado Fortmüller.

Publicado pela Revista Militar de Buenos Aires em seu numero de Janeiro do corrente anno. Traducção do Cap. A. C.

(Continuação)

### II — A tactica das metralhadoras

#### A. A esquadra de metralhadoras leves

##### 1.º) Generalidades

A metralhadora leve se bem que pelo seu peso se preste a ser transportada por um homem durante um certo tempo, já não acontece o mesmo quando se trata, permanentemente, das marchas e grandes movimentos. No combate, sobrecarregada de tal modo o seu conductor, que este não pôde vencer um grande lance sem paradas forçadas para o restabelecimento da respiração.

Na escalada de obstaculos constitue um impedimento consideravelmente maior que o fusil.

A esquadra de metralhadoras representa uma potencia de fogo de muita mobilidade; mas a esquadra de atiradores a supera em facilidade de movimentos.

Demais, nos combates, os preparativos para a abertura do fogo e para o inicio dos movimentos exigem mais tempo quando se trata da metralhadora leve que do fusil.

Dos quatro homens do serviço da metralhadora leve, o apontador e um outro soldado se destinam ao manejo da metralhadora no combate; os dois restantes se encarregam do transporte da munição e auxiliam os primeiros em caso de necessidade. Os quatro atiradores da esquadra de metralhadoras, destinados ao serviço de reserva, poderão ser empregados como transportadores de munição quando as necessidades da luta assim o exigirem.

Dependerá da quantidade de esquadras de metralhadoras, que estas constituam, ou não, a potencia principal do fogo na companhia. Em uma companhia cujo efectivo seja o normal de fogo, a parcella principal da potencia de fogo passará a residir nas esquadras de metralhadoras quando cada secção da companhia dispuser de tres ou mais dessas unidades.

E' um principio conhecido que as metralhadoras não devem ser empregadas isoladamente e sim em grupos de pelo menos duas, o que plenamente se justifica em virtude dos caracteristicos do fogo da arma, como tambem pelo facto de que elles se acham mais expostas, que os fusis, a interrupções oriundas de um mecanismo mais complicado.

Razão pela qual se não deve qualificar de unidade de combate a esquadra de metralhadoras a qual, pelo citado motivo, não está habilitada a resolver, independentemente, uma missão de fogo.

Por consequencia o mais conveniente é empenhar sempre duas esquadras de metralhadoras, dentro da secção de infantaria, afim de que mutuamente se possam completar em sua actividade de fogo.

A formação de combate da esquadra de atiradores é a linha de atiradores.

Nella se encontra o serviço da metralhadora leve á direita dessa arma e os homens da reserva em uma das alas ou de um e outro lado da arma automatica. Estes ultimos protegem a metralhadora contra as surpresas, encarregam-se da

observação dos flancos e mantêm o contacto, por meio da vista, com o chefe da secção; tomam parte no combate de fogo.

Se a metralhadora se inutilisa em combate, a esquadra respectiva passa a agir como esquadra de atiradores; para isso os homens que constituem o serviço da arma automatica, comunmente armados á pistola, tratam de apossar-se dos fusils dos mortos e feridos.

## II — A esquadra de metralhadoras no ataque

No campo da acção devem os movimentos das esquadras de metralhadoras se assemelhar, tanto quanto possível, aos das esquadras de atiradores, afim de que não possa o inimigo as identificar com facilidade.

O avanço em linhas tenues de atiradores (com 6 ou mais passos de intervallo) que muito se recommendava em outras epochas, para percorrer grandes porções de terreno, antes da abertura do fogo, já não é indicado, de modo algum, na actualidade, por não permitir aos chefes de esquadra uma acção directa sobre os seus commandados. E' preciso que os citados chefes tenham os seus homens a tal distancia de si que os possa dirigir e guiar por meio da voz e pelos proprios actos.

E' indubitável que as grandes linhas densas de atiradores, por offerecerem um alvo muito favoravel á acção das metralhadoras, só devem ser empregadas no ataque em circunstancias excepcionaes. Motivo pelo qual devem se abrir espaços entre os elementos desses grandes alvos compactos, tanto no sentido da frente como no da profundidade, afim de preserval-os das concentrações de fogo das metralhadoras inimigas.

O fraccionamento, porém, só se deve estender até a esquadra, afim de evitar a dispersão dos poucos homens desta, em um grande espaço. A solida cohesão indispensavel á secção de infantaria reside na estreita ligação de suas esquadras, que quasi sempre combatem separadas. O chefe de esquadra é um orgão de comando de consideravel importancia e de cuja capacidade depende, em grande parte, a efficiencia da infantaria.

As formações mais convenientes para o movimento das esquadras de metralhadoras, durante o ataque, (como nas es-

quadras de atiradores) são as de frente reduzida, isto é, em columna por um ou por dois, com augmentos de distancia, ou ainda em um grupo desordenado. Pódem as esquadras, desse modo, aproveitar com facilidade os accidentes do terreno e, o que é mais importante, torna-se tambem facil aos chefes de esquadra manter todos os seus homens debaixo do dominio de sua vontade.

Movimentos assim effectuados, quer a passo, quer em carreira; a rapida passagem dos homens a posicoes de fogo com qualquer frente; a renovação do movimento a partir das novas posicoes; — tudo isso deve constituir o objecto de uma instrucao intensiva na preparação das esquadras. Regem a secção os mesmos pontos de vista.

Desse modo de effectuar o avanço e da reducção dos intervallos entre os atiradores e os seus chefes de esquadra, resultam entre estas os claros que se fazem necessarios para o tiro das metralhadoras pesadas que se encontram á retaguarda.

Ao entrar a companhia em combate as esquadras de metralhadoras retiram a arma automatica, bem como accessorios e munição, dos carros de metralhadoras da companhia.

Desse momento em deante todo o material é transportado a hombros.

Nos movimentos de avanço de certa extensão sobre o campo de combate têm dado resultados praticos os carrinhos de mão, muito leves, conduzidos pelo pessoal do serviço.

Seja, porém, como fôr, os chefes de esquadra devem empregar toda a energia afim de que as esquadras de metralhadoras não fiquem para traz das esquadras de atiradores, cuja mobilidade é superior á d'aquellas.

A abertura e execucao do combate pelo fogo incumbe principalmente ás esquadras de metralhadoras, as quaes se acham habilitadas a conduzir, por si sós, essa phase da lucta. Ellas fazem parte, portanto, das fracções que primeiro se empenham.

Quando o primeiro movimento dos atiradores para a frente deve ser apoiado pelo fogo de metralhadoras e não se dispõe, para esse fim, de metralhadoras pesadas, empregam-se então as esquadras de metralhadoras do apoio.

A abertura do fogo faz-se de accordo com o principio fundamental pelo qual se regula toda a bôa infantaria: avançar sem abrir fogo até uma distancia tal do inimigo que a efficacia do tiro dos fuzis e metralhadoras compense o dispendio da munição.

E' preciso, portanto, só abrir o fogo a distancias inferiores a 1.000 m.

Na execucao do ataque, enquantoumas metralhadoras fazem fogo para dominar o inimigo, outras avançam simultaneamente com as esquadras de atiradores. Da retaguarda intervêm metralhadoras pesadas, peças de acompanhamento e lança-minas leves de infantaria e artilharia, fazendo fogo contra todos os pontos de onde surgem serias resistencias ás tropas de ataque.

Contra os ataques de flanco, trazidos pelo inimigo a esses elementos de ataque, empregam-se as esquadras de metralhadoras do apoio.

Se o inimigo resiste, não em uma posição continua, mas em uma rête de pontos de apoio e ninhos de resistencia, passa a ser a missão essencial das esquadras de metralhadoras facilitar com o seu fogo o avanço das esquadras de atiradores, por quanto o objectivo do trabalho em commun dessas esquadras de diferente organisação, é facilitar aos atiradores uma approximação sem perdas, de modo a poder rechassar o inimigo ou mesmo anniquilal-o na lucta á curta distancia.

Esse processo de combate attribue a todos os chefes de esquadra muita independencia de acção e exige, por consequencia, de todos elles, muita força de vontade, previsao, julgamento seguro e capacidade de resolução, pois que não podem contar, em todas as situações, com ordens que, emanadas dos seus chefes de secção ou commandantes de companhia, lhes determinem passo a passo a conducta a seguir.

Muitos dos meios de comunicação praticados nos exercícios do tempo de paz, falham na guerra. Alguns signaes simples, regulamentares ou convencionais, feitos com a mão ou com bandeirolas, bem como signaes luminosos emitidos por apparelhos appropriados, são os que dão melhores resultados.

(Continúa)

# futura Escola de Cavallaria

O exercito entrou definitivamente numa fase de progresso.

Objectivada a sua missão de um ponto de vista superior, estamos, agora, num período em que o trabalho se concentra num grande empenho pela instrução complementar dos quadros. E' o espirito de organização que se firma no propósito de facultar, a breve trecho, o funcionamento integral da nobre instituição votada aos interesses maiores da defesa patria.

E' sadio e vivificador o sopro que nos corre o seio da officialidade, expresso num anseio ardente de progredimento pela exacta comprehensão dos arduos deveres a cumprir e pelo justo entendimento de que os deveres profissionaes só se cumprem, com intelligencia e fidelidade, quando secundados pelo estudo cuidoso da propria profissão.

O advento desta vitalidade que marca uma época auspiciosa para o Exercito, impõe á administração o encargo delicado de não deixar arrefecerem as manifestações de energias tão sãs, canalizando-as no sentido de que elas possam dar, um dia, todo o rendimento util.

Os empenhos pelo amanho, de uma doutrina que eguale o pensamento dos quadros com principios e methodos uniformes, ahi estão em plena elaboração. Mantido o criterio, a certeza do triunho coroará a obra. E a disciplina intellectual, sem cuja subsistencia não vingaria qualquer programma visando a efficiencia das forças armadas, faria, naturalmente, ruir bem extremados zélos de sabedoria a que tanto mais se apéga o homem quanto mais elle sente a sua tarefa de possivel luminar num meio de divergencias e contrastes incendidos.

No que diz ao soerguimento da mentalidade profissional do exercito, não se pôde negar que um plano está em execução, encaminhada a solução final do problema com propriedade e firmeza.

Ao lado, porém, dos cursos que nos propiciarão tamanhas luzes amanhã, parece-nos, desde já, necessaria a criação especializada de um centro de preparação cuja imprescindivel utilidade não terá escapado á administração militar: uma «escola de cavallaria».

Viria não servir especialmente a uma determinada arma, embora a ella mais servisse. A sua necessidade responde a uma exigencia de ordem geral. *Officiaes* montados ha-os em diferentes armas, e saber montar não se cifra, evidentemente, em cada qual cavalgar ao seu geito e modo, no mais chocante contraste de attitudes e preferencias e, sobretudo, no desconhecimento de como tornar o cavalo um instrumento apto da guerra.

E' claro que argumentamos com a regra. Não buscamos as excepções, isto é, não chegariamos a negar que alguns officiaes ha notoriamente versados no assunto e conhecidos como dedicados á pratica da equitação.

Mas o nosso prisma é outro. Alvitramos a criação de uma escola onde a formação de cavalleiros seja um facto em relação ás exigencias da guerra.

A oportunidade ahi está por que se leve a cabo o tentamen.

Vale considerar que os nossos certames hippicos, por outro lado, têm revelado exactamente a carencia de um centro de preparação permanente onde os trabalhos propriamente de equitação progridam com methodo e, pois, efficiencia.

Creamos que ha uma verba destinada a emprego na realização das festas hippicas do centenario.

Não seria para alvitrar que essa dotação, — si recursos outros não pudessem vir em pról da nossa futura «escola de cavallaria», — fôra, de preferencia, fadada a este fim?

Como quer que seja, deixamos nas colunas desta revista, veículo de sugestões tantas mais tarde plenamente concretizadas em beneficio do Exercito, a expressão do nosso voto no sentido de que não passe, sem a merecida attenção, o justo momento proprio para, dentro no mesmo programma ora em pratica fecunda, effectivar-se a fundação do novo estabelecimento.

Estas linhas traduzem alguma cousa além de uma simples opinião individual. Apenas têm o merecimento de traduzir, na collaboração humilima do seu auctor, o testemunho da benevolencia dos que o buscaram para a tarefa de expôr tão util idéa.

Pedro Cavalcanti  
Capitão.

# Organização das grandes unidades

Traduzido do livro do General  
Maitrot *La France et les Républiques Sud-Américaines* (1920).

Quando a França e a Alemanha iniciaram a recente campanha, as suas grandes unidades, divisões e corpos de exercito, possuam uma mesma composição. As divisões eram de 2 brigadas de 2 regimentos e os corpos de exercito de 2 divisões, isto é, 4 regimentos de infantaria por divisão e 4 brigadas de 2 regimentos ou 8 regimentos por corpo de exercito. Observando-se que os batalhões eram de 4 companhias e as baterias de 4 peças, pôde-se dizer que no exercito francês triumphava a ordem quaternaria. Relativamente ao emprego das grandes unidades no campo de batalha, resulta dessa ordem graves inconvenientes, como passamos a mostrar.

## «Ordem quaternaria e ordem ternaria»

Toda tropa que se engaja, deve conservar uma reserva. Consideremos uma divisão e supponhamos que ella lança em primeira linha 3 regimentos, conservando o outro em reserva (fig. 1). O general de brigada que commandar a primeira linha terá, então, sob as suas ordens um regimento da outra brigada, que lhe poderá ser desconhecido completamente. Se forem mantidos os dous generaes de brigada em primeira linha, surgirão fatalmente conflictos de atribuições, além de que o 3.º regimento tem o seu coronel... Que fará, então, o segundo brigadeiro? Tomará o commando do 3.º regimento? E nesta hypothese, que papel desempenhará o commandante desse regimento, que ha de reclamar a honra, que ninguem lhe deverá disputar, de conduzir os seus homens ao combate? Permanecerá, então, o segundo brigadeiro com o regimento de reserva? A dificuldade será ainda a mesma e o general sempre ha de encontrar um coronel a se atravessar na sua frente. Afim de evitar tal «imbroglio», o general de divisão poderá conservar junto de si o brigadeiro, de collocação tão difícil. Não será essa, porém, uma solução. Que fará, então, desse grande chefe, o commando da divisão? Não seria o caso de se lhe declarar que é um indesejável e se não sabe o que delle fazer?

Responderão que muito facilmente resolvem todas essas difficultades colocando uma brigada em primeira linha e a outra em reserva. E', com efeito muito simples, demasiado simples. Mas tal dispositivo será sempre de expectativa e chegará o momento que preciso será apoiar a primeira linha reforçando-lhe com um regimento da segunda. A crise de commando será então apenas retardada e surgirá agora debaixo de fogo.

Se a divisão é engajada por brigadas juxtapostas (fig. 2), isto é, cada brigada tendo um regimento em primeira linha e um em reserva, maior ainda será a embrulhada. O divisionario não mais disporá de reserva e os brigadeiros não saberão que fazer em presença dos seus coronéis que têm missões bem definidas nos regimentos de primeira linha e nos de reserva e que hão de reclamar o livre commando da sua tropa para a execução das ordens que lhe forem expedidas. E depois é esse dispositivo o inicial; engajado o combate, não tardará que um dos regimentos de reserva tenha de reforçar a primeira linha e recáe-se assim no primeiro caso.

Quando se considera o corpo de exercito constituído de 2 divisões de 2 brigadas (fig. 3), surgirão as mesmas difficultades, agravadas, então, pelo maior effectivo das unidades.

Não tornaremos a repetir os raciocínios, inteiramente idênticos aos feitos em relação á divisão, onde se substitue o regimento pela brigada e esta pela divisão (figs. 3 e 4) (\*).

Haverá algum meio de resolver esse problema inextrincavel? Ha, e muito simples, qual o de substituir nessas duas grandes unidades a ordem quaternaria pela ternaria. A divisão comprehenderá apenas 3 regimentos de infantaria e um unico general de brigada, que será o commandante da infantaria divisionaria; o corpo de exercito será constituído por 3 divisões desse modelo (fig. 5 e 6).

Quanto aos batalhões de caçadores, em algumas divisões um regimento será substituído por um grupo de 2 delles, haverá também um batalhão de caçadores

(\*) Onde o A. considera corpo de exercito, deve na organização brasileira ser substituído por — exercito. (N. do T.)

pranumeroário em alguma infantaria divisionária ou então serão constituídas algumas divisões só de batalhões de caçadores.

Mas tudo isso é detalhe e que nada modifica a solução que indicamos e que

Divisão

Peças leves: 3 grupos de 3 baterias de 75 m.m.
Peças semi-pesadas: 1 grupo de 3 baterias de canhões de 105 m.m.; 1 grupo de 3 baterias de obuzes de 155 m.m.
Total: 60 peças: 36 canhões leves, 12 canhões semi-pesados e 12 obuzes semi-pesados.

#### Ordem quaternaria

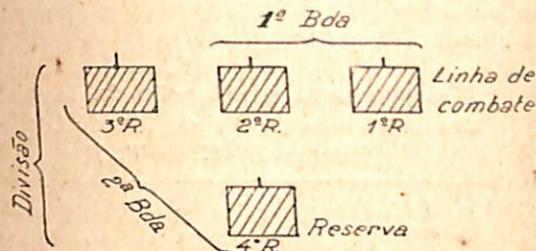


Fig. 1

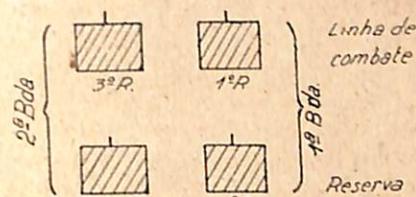


Fig. 2

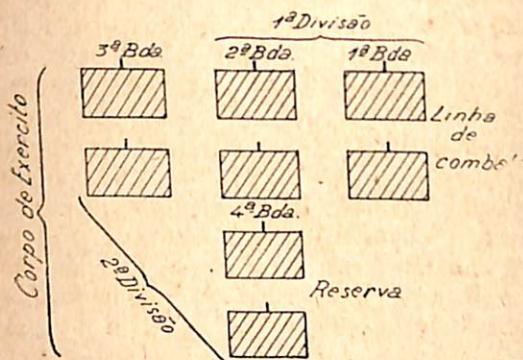


Fig. 3

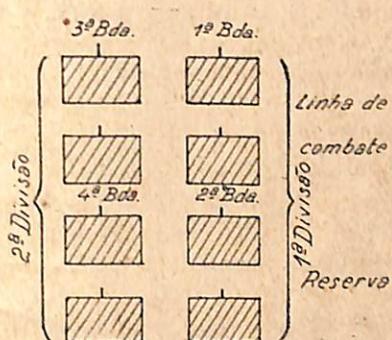


Fig. 4

#### Ordem ternaria

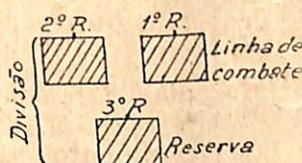


Fig. 5

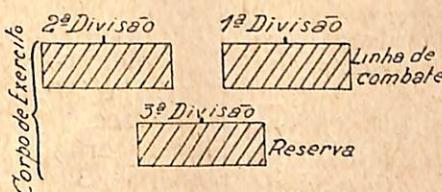


Fig. 6

foi, afinal, no decorrer da guerra, a adotada pelo exercito francês, que contou com divisões e corpos de exercito de todos os modelos, até corpos de quatro divisões.

A divisão de infantaria compreenderá ainda um esquadrão de cavalaria e o corpo de exercito um regimento de quatro esquadrões e mais um regimento de carros de assalto. Quanto á artilharia concebemos assim a sua organização:

C. de Exército

2 grupos de 3 baterias de 4 canhões de 75 m.m.
1 grupo de 3 baterias de 4 canhões longos de 155.
1 grupo de 3 baterias de 4 morteiros de 220.
1 grupo de 3 baterias de 4 canhões longos de 220.

E como não trataremos dos serviços, temos dito tudo o que é necessário á organização das duas grandes unidades básicas do exercito.

F. J. P.

## Espoleta de alumínio de 35 segundos

(Conclusão.)

Para o alcance de 3.100 m. encontramos na tabella  $\varphi = 4^\circ 45'$  e  $S = 9'',2$  donde  $N = 92$  e  $n = \frac{92}{2,5} = 36,8$

Para  $n = 37$  achamos  $s = 9'' \frac{1}{4}$ ; para  $n = 36$  achamos  $s_1 = 9''$

No 1º caso aumentamos a duração da queima  $0'',05$  e no 2º reduzimos de  $0'',2$

Fazendo-se os cálculos já conhecidos e entrando nas fórmulas (5) e (6) com log. C' = 0,37889 encontramos para o valor da duração de trajecto correspondente ao ponto de explosão de abcissa 3040,  $t = 7'',58$ .

Para  $t_1 = 7'',63$  encontramos, efectuando os cálculos conhecidos,  $I_1 = 67$  m. e para  $t_2 = 7'',38$  encontramos  $I_2 = 105$  m.

A graduação nova para o alcance 3.100 m. será pois,  $s = 9'' \frac{1}{4}$  a que corresponde o intervallo  $I_1 = 67$  m.

Para o alcance 3.200 m. a nova graduação será  $s = 9'' \frac{2}{4}$ , como o é para a antiga.

Para 3.300 m. a duração de trajecto até o ponto de explosão de abcissa 3.140 é  $t = 8''19$ .

A antiga graduação é  $S = 9',9$  donde  $N = \frac{99}{2,5} = 39,2$ .

Para  $n = 39$  teremos  $s = 9'' \frac{3}{4}$ , para  $n = 40$  teremos  $s_1 = 10''$ .

A graduação que mais convém, efectuando os cálculos já conhecidos, é  $s = 9'' \frac{3}{4}$  que dá um intervallo  $I_1 = 56$  m.

Efectuando as mesmas operações anteriores, encontramos para graduação da nova espoleta, para o alcance 3.400 m.,  $s = 10'' \frac{1}{4}$  que dá um intervallo de 70 m.

Para o alcance 3.500 m. a graduação será  $s = 10'' \frac{7}{8}$  que dá um intervallo  $I_1 = 57$  m.

A seguir, em uma tabella, apresentamos as graduações a dar á espoleta de alumínio para os alcances ahi consignados, que foram tirados da tabella de tiro do shrapnel que nos occupa.

A partir de 3.600 m. até 7.700, alcance máximo do shrapnel, apresento as graduações sem os cálculos respectivos, por ser já sabido como se obtêm essas graduações e sua justificação. Vem ainda, ahi consignados em uma coluna propria os intervallos novos que provêm dessas novas graduações.

Não serão só os intervallos que sofrerão alteração, mas também as alturas de arrebentamento.

Não achei necessário tomar tempo em calcular as alturas de arrebentamento pela fórmula (8), porque a prática do tiro, em caso de experiência, é que a fixará.

Reconduzir-se-ão as alturas de arrebentamento, provenientes das novas graduações ás alturas que convém, com o auxilio das divisões feitas nas alças de pontaria dos canhões, fundando-se na hipótese da rigidez da trajectória. Podemos baixar ou levantar o ponto de explosão do shrapnel com o auxilio das divisões da alça, abaixamento ou levantamento esse que pode ser feito

em millesimos, porque essas divisões estão caídas na alça obedecendo a essa teoria.

Encontram-se nas tabellas Krupp de canhões antigos como o 75m/n C 24 T. L. as graduações alça em divisões, obedecendo á teoria dos millesimos, e na tabella do Shrapnel que nos ocupa ahi vemos as divisões da alça traçadas segundo o mesmo criterio, o que facilitará muito na determinação das alturas de arrebentamento, em caso de uma experiência para verificação do projeto de graduação que apresento neste trabalho.

Tabella para graduação da Espoleta de Alumínio de 35" do Sh. do Canhão Krupp 150 C 40 T. R.

Alcances em metros	Graduação da Espoleta segundos	Intervallos de arrebentamento Metros
100	—	
200	—	
300	—	
400	0'', 2 4	150
500	0'', 3/4	134
600	1'',	115
700	1'', 2/4	60
800	1'', 3 4	84
900	2'',	60
1.000	2'', 1/4	85
1.100	2'', 2/4	106
1.200	2'', 3/4	124
1.300	3'', 1/4	48
1.400	3'', 2/4	60
1.500	3'', 3 4	81
1.600	4'',	104
1.700	4'', 1/4	100
1.800	4'', 3/4	110
1.900	5'',	100
2.000	5'', 1/4	98
2.100	5'', 3/4	38
2.200	6'',	60
2.300	6'', 1/4	120
2.400	6'', 3/4	44
2.500	7'',	60
2.600	7'', 1/4	120
2.700	7'', 3/4	54
2.800	8'',	100
2.900	8'', 1/4	117
3.000	8'', 3/4	79
3.100	9'', 1/4	48
3.200	9'', 2 4	60
3.300	9'', 3 4	98
3.400	10'', 1/4	76
3.500	10'', 3 4	50
3.600	11'',	98
3.700	11'', 2 4	60
3.800	11'', 3 4	75
3.900	12'', 1/4	50
4.000	12'', 2 4	90
4.100	13'',	60
4.200	13'', 2/4	60
4.300	14'',	50
4.400	14'', 1/4	55
4.500	14'', 3/4	56
4.600	15'', 1/4	97
4.700	15'', 2/4	60
4.800	16'',	60
4.900	16'', 2/4	50

Alcances em metros	Graduação da espoleta segundos	Intervalos de arrebatamento Metros
5.000	16", 3/4	66
5.100	17", 1/4	57
5.200	17", 7/4	57
5.300	18", 1/4	50
5.400	18", 2/4	60
5.500	19",	60
5.600	19", 2/4	50
5.700	19", 3/4	49
5.800	20", 1/4	65
5.900	20", 3/4	65
6.000	21", 1/4	66
6.100	21", 3/4	67
6.200	22", 1/4	67
6.300	22", 3/4	67
6.400	23", 1/4	67
6.500	23", 3/4	56
6.600	24", 1/4	55
6.700	24", 3/4	56
6.800	25", 1/4	58
6.900	25", 3/4	58
7.000	26", 1/4	58
7.100	26", 3/4	50
7.200	27", 1/4	72
7.300	27", 3/4	50
7.400	28", 1/4	73
7.500	28", 2/4	68
7.600	29", 2/4	53
7.770	30	60

Tenho assim terminado o projecto de graduação a dar-se á espoleta de alumínio em questão, trabalho este que me pareceu necessário. Pois é evidente que, possuindo algumas de nossas fortalezas, shrapnel munido da espoleta de alumínio de que venho tratando, e não havendo tabellas para gradual-as, os responsaveis pelo tiro ficarão em uma situação de duvida quanto á graduação a dar-se e, si a fizerem será arbitria, o que produzirá verdadeiros desconcertos no fogo, impossibilitando a regulação do tiro. Podemos estar pois ha mais de dez annos nesta situação?

A quantidade de Shrapnel com essa espoleta, que ha nos paioes das fortificações não é pequeno. E não me parece justo que se continue nesse estado de indifferença, capaz de nos proporcionar alguns inconvenientes. Só agora a experiençia poderá mostrar a exactidão dos calculos deste pequeno trabalho e dar a solução acertada da questão no caso de não convir o projecto que ora faço.

A antiga espoleta de latão, hoje extinta, tinha a graduação maxima de 30" para o alcance maximo de 7.700 m. A espoleta de alumínio vem graduada até 35", o que quer dizer, que o alcance do shrapnel será, com esta espoleta, superior a 7.700 m. e isto se pode conseguir porque o apparelho de pontaria em altura do canhão permite uma elevação até 30". O calculo do alcance que se obterá com o shrapnel, munido de espoleta graduada até 35" será objecto de outro estudo.

Carlos de Abreu  
Capm. de Art.

## Como voar em um aeroplano-escola

Pelos tenentes Fabio de Sá Earp  
(Da Escola de Av. Naval)  
e Aliatar Martins  
(Da E. de Av. militar.)

### (Continuação)

Em toda curva fechada ou vertical uma glissada é provocada pelo facto da alavanca não ter sido levada sufficientemente para traz, de modo que o apparelho não gira com sufficiente velocidade, ou ainda por não ter sido a alavanca levada sufficientemente para o lado opposto afim de contrariar o excesso de inclinação.

O excesso de leme de direcção opposto também provoca a glissada, pois conserva o nariz muito levantado.

Si o nariz se move para cima, quando o apparelho se approxima da posição horizontal, é que a alavanca não foi levada para a frente.

De todos os erros que um piloto pôde commeter em curvas, o mais grave é o de levar a alavanca para o lado opposto, quando em vôo planado; o segundo é permitir que o nariz se levante antes do apparelho ter iniciado a curva, o que provoca uma glissada.

### Capitulo 11º

#### DECOLLAGEM — ATERRISSAGEM

Deve-se começar a fazer o alumno decollar o mais cedo possível.

A primeira coisa a ensinar-lhe é que elle deve levar a alavanca á frente, afim de tirar a cauda de terra e ganhar velocidade, assim que accelerar o motor; isto não é essencial nos apparelhos-escola, que são sempre lentos, mas é conveniente habituar o alumno a decollar sempre correctamente.

Em apparelhos muito velozes, é essencial que a cauda seja levantada o mais cedo possível, porque isto é o unico meio de impedir que o avião faça um «cavalo de pão», principalmente se a decollagem fôr feita com vento de lado ou de cauda.

Na decollagem, pois, a alavanca deve ser levada a frente e o avião mantido na direcção por meio do leme; este torna-se mais sensivel, á proporção que o avião ganha velocidade e governa bem o apparelho.

Assim que o aeroplano estiver em linha de vôo, a alavanca deve ser trazida ligeiramente para traz, afim de evitar que a helice ou o patim toquem o solo e o apparelho capôte.

Uma vez o avião fôra do solo e a uns dois metros deste, a alavanca deve ser levada ligeiramente á frente para dar um pouco mais de velocidade ao apparelho antes de começar a subida.

E' um grande erro começar a ensinar a aterrissagem antes do alumno saber manobrar perfectamente seu apparelho no ar; aterrizar um aeroplano é sómente uma questão de practica e golpe de vista e quanto mais tempo o alumno tiver de practica de vôo, tanto mais facilmente elle apanhará o golpe da aterrissagem.

(Continua)

# BALANÇO DA THESOURARIA NO 8º ANNO

Importâncias recebidas de 1º de Agosto de 1920 a 30 de Junho de 1921.

PROCEDENCIA	Rs.	PROCEDENCIA	Rs.	PROCEDENCIA	Rs.
		Transporte....	6:497\$300	Transporte....	10:682\$000
M. G	60\$000	13º B. C.	181\$000	9º R. A. M.	990\$000
D. G	85\$000	15º B. C.	221\$000	1º G. O.	750\$000
D. E.	10\$000	16º B. C.	80\$000	2º G. O.	247\$000
1º D.	50\$000	17º B. C.	40\$000	3º G. O.	154\$000
E. M. E.	191\$900	19º E. C.	42\$600	1º G. A. Mont.	250\$000
D. M. B.	30\$000	21º B. C.	221\$500	5º G. A. Mont.	198\$000
D. A.	75\$000	22º B. C.	161\$500	1º G. A. C.	130\$000
E. E. M.	225\$000	23º B. C.	121\$000	3º G. A. C.	115\$000
E. A. O. (inf.)	165\$000	24º B. C.	318\$700	Fort. S. João.	135\$000
E. A. O. (cav.)	105\$000	25º B. C.	55\$000	Fort. S. Cruz.	44\$000
E. A. O. (art.)	252\$500	27º B. C.	35\$000	Fort. Copacabana.	89\$000
Escola Militar	1:837\$900	1º C. Metr.	38\$000	Fort. Vigia.	95\$000
Escola Av. Militar	230\$000	3º C. Metr.	30\$000	Fort. Mar. al Hermes.	68\$000
E. S. I.	60\$000	13º C. Metr.	90\$000	Fort. Marechal Luz.	72\$000
C. M. Barbacena	135\$000	15º C. Metr.	19\$000	Fort. Obidos.	62\$000
C. M. Ceará	68\$100	18º C. Metr.	5\$000	1º B. E.	141\$000
Q. G. 1º R. M.	45\$000	19º C. Metr.	58\$000	4º B. E.	101\$100
Q. G. 2º R. M.	165\$000	1º R. C. D.	180\$000	5º B. E.	76\$200
Q. G. 3º R. M.	107\$000	2º R. C. D.	90\$000	Fab. Realengo.	20\$000
Q. G. 4º R. M.	100\$000	3º R. C. D.	134\$000	Fab. Piquete.	50\$000
1º R. I.	395\$000	4º R. C. D.	38\$000	Alegrete.	254\$100
2º R. I.	238\$000	5º R. C. D.	206\$000	Curityba.	357\$000
3º R. I.	154\$700	2º R. C. I.	30\$000	Florianopolis.	127\$800
6º R. I.	237\$900	3º R. C. I.	265\$500	Santos.	248\$000
7º R. I.	96\$500	5º R. C. I.	70\$000	São Gabriel.	280\$000
8º R. I.	70\$000	7º R. C. I.	300\$500	Corumbá.	149\$800
9º R. I.	61\$700	8º R. C. I.	133\$000	Amanuenses Q. G.	32\$000
10º R. I.	86\$700	9º R. C. I.	55\$000	2º Linha.	213\$100
11º R. I.	215\$000	10º R. C. I.	251\$200	2º Linha (C. Federal).	195\$000
12º R. I.	179\$000	1º C. T.	40\$000	2º Linha (Recife).	80\$000
1º B. C.	75\$000	2º C. T.	10\$000	Pol. Mil. Cap. Federal.	128\$000
3º B. C.	69\$400	3º C. T.	43\$000	Brig. Mil. R. Gr. Sul.	125\$000
4º B. C.	95\$000	4º C. T.	10\$000	F. P. S. Paulo.	94\$000
5º B. C.	281\$000	1º R. A. M.	118\$000	F. P. Pernambuco.	122\$000
6º B. C.	91\$000	2º R. A. M.	129\$000	F. P. M. Grosso.	90\$000
7º B. C.	44\$000	4º R. A. M.	212\$200	Corpo M. Maranhão.	84\$000
8º B. C.	50\$000	8º R. A. M.	152\$000	Avulsos.	3:822\$600
9º B. C.	60\$000				
A transportar...	6:497\$300	A transportar...	10:682\$000	TOTAL...	18:796\$400

## RECEITA

Recebido de assignaturas.....	18:796\$400
De Griepenkerl.....	92\$000
De Rohne .....	6\$000
De "Nomenclatura do Obuz" .....	26\$600
De "Guia p. o Ensino da Fortificação" .....	51\$000
Para aquisição do "Mal do Artilheiro .....	10\$500
Idem de "Quadros muraes" .....	147\$000
Idem de Ludendorff .....	1:321\$000
Idem de publicações diversas .....	1:269\$300
De annuncios .....	570\$000
Juros do Banco da Província até 30-6-1921 .....	260\$900
Diversos .....	265\$400

22:816\$100

Saldo em 31-7-1920..... 4:561\$988  
 Saldo do anno..... 187\$720  
 Saldo em 30-6-1921..... 4:749\$708

## DESPEZA

Pago a Luiz Macedo — Impressão dos Ns. 85 a 96 .....	16:258\$500
Expediente e Expedição .....	1:278\$200
Sellos, registros e telegrammas .....	903\$080
Auxiliar de escripturação .....	1:200\$000
Pago a L. Macedo -- Encadernação..	63\$000
Acquisição de Q. Muraes .....	80\$800
"      Ludendorff .....	480\$000
"      publicações diversas ..	1:087\$400
"      numeros atrazados da "A DEFEZA NACIONAL" .....	22\$000
Pagamentos do Manual do Artilheiro .....	67\$500
Saldo da "Pontaria indirecta" .....	86\$000
Caixa n.º 1602 .....	20\$000
Diversos .....	1:081\$900
Balanço .....	187\$720

22:816\$100

ELOY DA CAMARA CATÃO  
 Thesoureiro